

# Faculdade de Letras

## CAMÕES LÍRICO NA AULA DE PORTUGUÊS À LUZ DA CULTURA CLÁSSICA

### Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório (Despacho Reitoral n.º 137/2011)</b>
<b>Título</b>	<b>CAMÕES LÍRICO NA AULA DE PORTUGUÊS À LUZ DA CULTURA CLÁSSICA</b>
<b>Autor</b>	<b>Eugénia da Conceição Calado Rodrigues Pardal</b>
<b>Orientadoras</b>	<b>Doutora Cristina Mello Doutora Cláudia Cravo</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>Ensino</b>
<b>Especialidade</b>	<b>Ensino de Português e de Línguas Clássicas</b>
<b>Data</b>	<b>2013</b>



Dedicatória

---

**Ao Vítor  
À Margarida e à Joana**

## Agradecimentos

---

Chegada que sou ao final deste projeto, cumpre-me agradecer, de modo sincero, a preciosa colaboração de todos aqueles que tornaram possível a sua concretização.

Em primeiro lugar, às professoras dos seminários de Português e Línguas Clássicas, Doutora Cristina Mello e Doutora Cláudia Cravo, pelos conhecimentos e reflexões, pelo tempo e dedicação investidos na orientação, pela disponibilidade demonstrada, pela ajuda na resolução das dificuldades que se foram colocando, em suma, por todo apoio que contribuiu para a realização deste relatório.

Às colegas e amigas, Manuela Franco Veríssimo e Filomena Ferreira, pela colaboração e pela disponibilidade.

De um modo muito especial, ao Vítor, à Margarida e à Joana pela compreensão, pelo carinho e pelo apoio incondicional.



## Resumo

---

Este relatório é composto por duas partes – uma dá conta dos principais elementos da minha formação e experiência profissional; outra de exploração do tema monográfico.

A segunda parte está estruturada em quatro momentos diferentes. Em primeiro lugar, reflito acerca da importância da Cultura Clássica para o estudo de Camões Lírico.

Em seguida, afigurou-se-me como muito relevante problematizar a forma como a poesia de Camões é estudada no ensino secundário, tendo em conta que, no Programa de Português do décimo ano, este autor está integrado na sequência de ensino aprendizagem número dois, fazendo parte dos textos literários de carácter autobiográfico. A literatura disponível sobre este assunto alerta para o facto de esta opção ser controversa e poder desvirtuar o estudo do texto camoniano, pois autobiografia e poesia lírica têm características muito diferentes.

Num terceiro momento, sendo os manuais escolares um elo de ligação entre os programas e as práticas pedagógicas, condicionando e influenciando as opções em contexto pedagógico, procurei verificar se a Cultura Clássica está presente nos manuais de Português do décimo ano. Constatei que a Antiguidade Clássica está praticamente arredada destes materiais. Seguiu-se, então, uma reflexão acerca da possibilidade de reconfiguração do estudo do texto lírico camoniano.

Finalmente, apresento um percurso didático testado em sala de aula este ano letivo, numa turma de décimo ano, incluindo roteiros de aula, respetivos materiais e propostas de outras atividades para além das realizadas. Termina com uma reflexão crítica sobre as propostas didáticas apresentadas.

**Palavras-chave:** Cultura Clássica; Camões Lírico; Ensino do Português





## Abstract

---

This report is divided into two parts: one referring to the main elements of my formation and professional experience; and another which explores the monography.

The second part consists of four different moments. To start with, I reflect on the importance of Classical Culture in the study of lyric poetry. Then it appeared essential to me to question the way lyric poetry of Camões is studied at school, considering that in the curriculum for the Portuguese language in year 10 this author is included in the sequence of teaching/learning number two - literary texts with autobiographical features. The literature available on this topic makes people aware of the controversy of this option which may distort the study of Camões, given that autobiography and lyric poetry are two different things.

Textbooks connect curricula to pedagogical practices and this affects options in a pedagogical environment. So, in the third place, I checked if classical culture is present in the textbooks of Portuguese language for the year 10. I realised that classical antiquity was virtually removed from these materials. Afterwards, I considered the possibility of rearranging the study of lyric text of Camões.

Finally, I bring forward a didactic planning which was tested this school year, in a year 10 class, with lesson plans, materials and proposals for further activities. I end up with a critical reflection on the presented didactic proposals.

## ÍNDICE GERAL

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1.1. Enquadramento legal .....</b>	<b>7</b>
<b>2. FORMAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1. Formação Académica .....</b>	<b>7</b>
<b>2.2. Formação Profissional .....</b>	<b>9</b>
<b>2.3. Formação Complementar .....</b>	<b>9</b>
<b>2.4. Outras Habilitações.....</b>	<b>11</b>
<b>3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1. Atividade Docente.....</b>	<b>12</b>
<b>3.2. Cargos de carácter pedagógico e outros.....</b>	<b>13</b>
<b>3.3. Outras atividades na área da Educação e da Cultura .....</b>	<b>15</b>
<b>3.3.1 Júris .....</b>	<b>15</b>
<b>3.3.2 Mesas redondas .....</b>	<b>16</b>
<b>3.3.3 Comunicações .....</b>	<b>16</b>
<b>3.3.4 Publicações.....</b>	<b>17</b>
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO DO TEMA .....</b>	<b>18</b>
<b>5. TEMA MONOGRÁFICO: “Camões Lírico na aula de Português à luz da Cultura Clássica” .....</b>	<b>21</b>
<b>5.1. Apresentação .....</b>	<b>21</b>
<b>5.2. Importância da Cultura Clássica para a leitura do texto literário na aula de Português – O CASO DE CAMÕES LÍRICO .....</b>	<b>22</b>
<b>5.2.1 Camões Lírico no ensino secundário .....</b>	<b>29</b>
<b>5.2.2 Presença ou ausência da Cultura Clássica nos Manuais de Português do 10.º ano. ....</b>	<b>32</b>
<b>5.3. Possibilidade de reconfiguração do estudo da Lírica Camoniana .</b>	<b>34</b>
<b>5.4. Percurso didático .....</b>	<b>35</b>
<b>5.4.1 Objetivos e conteúdos .....</b>	<b>37</b>

5.4.2	Aulas e materiais .....	38
	Aula 1.....	38
	Aula 2.....	43
	Aula 3.....	58
	Aula 4.....	64
	Aula 5.....	68
	Aula 6.....	74
	Aula 7.....	77
	Aula 8.....	82
5.4.3	Outras atividades para além das realizadas (sugestões) .....	87
5.4.4	Reflexão crítica .....	87
6.	CONCLUSÃO.....	89
	BIBLIOGRAFIA .....	92
	ANEXOS .....	98



## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1. Enquadramento legal**

O presente relatório insere-se no âmbito do Projeto Final do Curso de Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3.º Ciclo e Secundário, sob orientação da Doutora Cristina Mello e da Doutora Cláudia Cravo, que frequentei no ano letivo de 2012/2013, ao abrigo do Despacho Reitoral n.º 137/2011 de 1 de junho de 2011. Aqui se definem as linhas de orientação para a obtenção do grau de mestre na Universidade de Coimbra por licenciados Pré-Bolonha. Assim, e de acordo com a informação que consta no ponto 2, foi-me permitido substituir o estágio pedagógico, que realizei no ano 1992/1993, pela defesa, em prova pública, de um relatório onde são “desenvolvidas e claramente explicitadas competências de reflexão teórica, com revisão crítica do estado da arte relativamente ao tema escolhido e competências de investigação, bem como equacionadas as implicações do trabalho realizado, em função do tema estudado e da área de formação cursada.” (Despacho Reitoral n.º 137/2011, p.2).

## **2. FORMAÇÃO**

### **2.1. Formação Académica**

Em 1988, ingressei na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a média de 15 valores e frequentei o curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, que vim a concluir quatro anos mais tarde, com a informação de Bom e 14 valores.

No dia nove de junho de 1993, conclui a Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa – Ramo de Formação Educacional, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a informação final de Bom, com 15 valores.

No ano letivo de 1994 / 95, frequentei o Mestrado em Ciências da Educação (área de especialização em Psicologia da Educação), da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra, terminando a parte curricular, com a classificação final de Muito Bom.

Passo a indicar as disciplinas que faziam parte do Mestrado supracitado e respetivas classificações:

- Psicologia da Criança – Muito Bom

- Família e Processo Educativo – Muito Bom
- Metodologia da Investigação Educacional – Muito Bom
- História da Educação Moderna e Contemporânea – Muito Bom
- Psicologia do Adolescente e do Jovem Adulto – Muito Bom
- Tecnologia Educativa – Bom
- Estatística I – Muito Bom
- Estatística II – Bom
- Testes e Instrumentos de Avaliação – Muito Bom
- Psicologia do Adulto – Muito Bom
- Filosofia da Educação – Muito Bom
- Técnicas Ortopedagógicas e Ortodidáticas – Suficiente
- Comportamento Anti-Social - das Técnicas à Intervenção – Bom.

A 9 de novembro de 2009, prestei provas para defesa da dissertação de mestrado subordinada ao tema *A competência da escrita em manuais de 10.º ano de Português* e obtive a classificação final de Muito Bom, por unanimidade de todos os elementos do júri.

No ano letivo de 2010/2011, frequentei o Curso de Formação Especializada em Gestão e Administração Escolar, no Instituto Superior Bissaya Barreto de Coimbra, tendo obtido a classificação final de 18 valores.

Passo a indicar as disciplinas deste curso e respetivas classificações:

- Avaliação Interna da Escola – 18 valores
- Organização, Administração e Gestão dos Estabelecimentos de Educação e de Ensino - 18 valores
- Organização e Gestão das Escolas – Modelo Organizativo para uma Escola de Qualidade - 18 valores
- Gestão de Recursos Humanos – 18 valores
- Gestão Financeira – 18 valores
- Metodologias de Investigação e Trabalho de Projeto – 18 valores
- Sociologia das Organizações Educativas – 19 valores
- Conceção, Gestão e Avaliação de Projetos – 18 valores
- Administração Educacional – 18 valores
- Novas Tecnologias da Informação – 17 valores

- Procedimento Administrativo na Gestão das Escolas – 18 valores

Em 2011/2012, frequentei o Curso de Formação Especializada – Inspeção e Avaliação das Organizações Educativas, no Instituto Superior Bissaya Barreto de Coimbra, tendo obtido a classificação final de 18 valores.

Passo a indicar as disciplinas deste curso e respetivas classificações:

- Estatuto e Papel da Inspeção de Educação – 18 valores
- Auditoria Financeira da Escola – 18 valores
- Modelos Organizacionais da Escola Pública e Privada – 19 valores
- Administração Pública e Administração Educacional – 18 valores
- Metodologias de Investigação aplicadas à Inspeção Educativa – 17 valores
- Gestão de Conflitos na Escola – 17 valores
- Projeto – 18 valores
- Desenvolvimento Curricular e Avaliação no processo Ensino Aprendizagem – 18 valores
- Metodologias de Intervenção da Inspeção da Educação – 19 valores
- Avaliação de Desempenho do Pessoal Docente – 18 valores

## **2.2. Formação Profissional**

No ano letivo de 1992 / 93, fiz o estágio pedagógico na Escola Secundária D. Dinis em Coimbra. Obtive a classificação de 16 valores nas disciplinas de Português e Latim e no seminário científico – pedagógico , conclui o referido estágio com média final de 16 valores.

## **2.3. Formação Complementar**

Curso de Formação de Formadores que decorreu em Coimbra de 4 de setembro a 12 de novembro de 1998, com a duração de 120 horas.

### **Ações de Formação**

Metodologias Específicas para Alunos com N.E.E. / Deficiência Visual

Escola C + S Eugénio de Castro; Coimbra, abril de 1996.

2 unidades de crédito (50 horas)

Área – Escola – Projecto Educativo – Autonomia

Escola Secundária Infanta D. Maria; Coimbra; julho de 1996.

2 unidades de crédito (50 horas)

Poesia na Escola

Escola Secundária da Quinta das Flores; Coimbra, 12 de outubro a 30 de novembro de 2002.

1 unidade de crédito (25 horas)

Escrever por Gosto – Técnicas para a Gestão de uma Oficina de Escrita

Ação de formação nº 16; Coimbra; 23 de março a 15 de junho de 2002.

2 unidades de crédito (50 horas)

Navegar no Português – Formação em Rede – Contributos para a Didáctica do Estudo da Língua Portuguesa

Escola E B 2, 3 Martim de Freitas; Coimbra; 30 de outubro a 11 de Dezembro de 2002.

2 unidades de crédito (50 horas)

Programa de Língua Portuguesa para o ensino Secundário: Análise e operacionalização do 11ºano; Linguística do Português

Escola Secundária Avelar Brotero; Coimbra, 8 a 29 de setembro de 2004.

2 unidades de crédito (50 horas)

A Nova Terminologia Linguística no Ensino Básico

Ação de Formação com o n.º de acreditação CCPFC / ACC – 41298/05; Coimbra; 23 de setembro a 11 novembro de 2006.

2 unidades de crédito (50 horas)

A Utilização das TIC nos Processos de Ensino / Aprendizagem

Centro de Formação de Associação de Escolas da Lousã e Miranda do Corvo; Lousã, 24 de setembro a 10 de dezembro de 2007.

Avaliação: Excelente – 10 valores – 2 unidades de crédito (50 horas)

#### Avaliação Externa no Ensino Básico

GAVE – Gabinete de Avaliação Educacional; Escola Secundária Infante D. Henrique; Porto, 09 de abril a 12 de maio de 2008.

Avaliação: Muito Bom – 8,7 valores – 1 unidade de crédito (25 horas)

#### O Trabalho de Funcionamento da Língua em Sala de Aula e a Terminologia Linguística

DGIDC – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular; Escola Secundária José Falcão; Coimbra, 05 de abril a 17 de maio de 2008.

Avaliação: Excelente – 9,25 valores – 2 unidades de crédito (50 horas)

#### A Prática da Avaliação do Desempenho Docente

DGIDC – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular; Escola Secundária D. Duarte; Coimbra, 04 a 10 de novembro de 2008.

Avaliação: Excelente – 9,5 valores – 0,6 unidades de crédito (15 horas)

#### Literacia em Leitura – Construção de Itens de Análise e Interpretação de Textos (no âmbito do programa PISA);

GAVE – Gabinete de Avaliação Educacional; Lisboa, 3, 4, 5, 6 e 14 de março de 2009.

Avaliação: Muito Bom – 8,8 valores – 2,6 unidades de crédito (50 horas)

#### Projeto de Formação para o Novo Programa de Português do Ensino Básico I,

Escola Secundária Quinta das Flores; Coimbra

Avaliação: Excelente – 9,4 valores – 2 unidades de crédito (51 horas);

### **2.4. Outras Habilitações**

Formadora – Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Formadora – Formação Contínua de professores na área e domínio B13 – Psicologia da Educação, com o registo CCPFC/RFO-2478.

### 3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

#### 3.1. Atividade Docente

No ano letivo de 1992/93, fui colocada como professora estagiária, na **Escola Secundária D. Dinis em Coimbra**. Lecionei a disciplina de Língua Portuguesa ao 7.º ano e Latim ao 10.º, fiz regências no 10.º ano de Português –B e no 12.º de Latim.

No ano letivo de 1993/94, fui colocada na **Escola Preparatória da Lousã**. Lecionei a disciplina de Língua Portuguesa aos 8.º e 9.º anos.

No ano letivo de 1994/95, fui colocada na **Escola Preparatória Jorge Montemor de Montemor-o-Velho**. Lecionei a disciplina de Língua Portuguesa aos 7.º e 9.º anos.

No ano letivo de 1995/96, fui colocada na **Escola C+S Eugénio de Castro em Coimbra**. Lecionei a disciplina de Língua Portuguesa aos 7.º, 8.º e 9.º anos.

No ano letivo de 1996/97, fui colocada na **Escola Secundária da Quinta das Flores em Coimbra**. Lecionei a disciplina de Língua Portuguesa ao 7.ºano e Português – B ao 10.º ano.

No ano letivo de 1997/98, lecionei a disciplina de Língua Portuguesa ao 8.ºano e Português – B ao 10.º.

No ano letivo de 1998/99, lecionei a disciplina de Língua Portuguesa ao 9.ºano e Português – B ao 10.º.

No ano letivo de 1999/2000, lecionei a disciplina de Português – B ao 11.º ano.

No ano letivo de 2000/2001, lecionei a disciplina de Português – B ao 10.º ano.

No ano letivo de 2001/2002, lecionei a disciplina de Português – B ao 10.º ano.

No ano letivo de 2002/2003, lecionei a disciplina de Português – B ao 11.º ano.

No ano letivo de 2003/2004, lecionei a disciplina de Português ao 10.º ano (novos programas).

No ano letivo de 2004/2005, lecionei a disciplina de Português ao 10.º ano.

No ano letivo de 2005/2006, lecionei a disciplina de Português ao 10.º ano.

No ano letivo de 2006/2007, fui colocada na **Escola Secundária da Lousã**. Lecionei a disciplina de Língua Portuguesa aos 7.º e 8.º anos, as Áreas Curriculares não disciplinares de Estudo Acompanhado ao 7.º ano e Formação Cívica ao 8.º ano.

No ano letivo de 2007/2008, lecionei a disciplina de Língua Portuguesa ao 8.º e 9.º anos, as Áreas Curriculares não disciplinares de Estudo Acompanhado ao 9.º ano, Formação Cívica ao 9.º ano e Aulas de Complemento Educativo de Língua Portuguesa ao 8.º e 9.º anos.

No ano letivo de 2008/2009, lecionei a disciplina de Língua Portuguesa ao 7.º e 9.º anos, as Áreas Curriculares não disciplinares de Estudo Acompanhado e Formação Cívica ao 7.º ano.

No ano letivo de 2009/2010, lecionei a disciplina de Língua Portuguesa ao 8.º ano, as Áreas Curriculares não disciplinares de Estudo Acompanhado e Formação Cívica ao 8.º ano e Português ao Curso de Educação e Formação.

No ano letivo de 2010/2011, lecionei a disciplina de Língua Portuguesa ao 8.º e 9.º anos, as Áreas Curriculares não disciplinares de Estudo Acompanhado e Formação Cívica ao 9.º ano e Português ao Curso de Educação e Formação.

No ano letivo de 2011/2012, fui colocada na **Escola Básica e Secundária Quinta das Flores em Coimbra**. Lecionei Português ao 10.º ano.

No ano letivo de 2012/2013, leciono a disciplina de Português e Literatura Portuguesa ao 10.º ano, Português Língua Não Materna (nível A2 – iniciação e B1 – intermédio) e Português ao 11.º ano do curso profissional de jazz. Este é o meu vigésimo primeiro ano de serviço.

### **3.2. Cargos de carácter pedagógico e outros**

Desempenhei, ao longo onze anos letivos (1996/1997 a 2005/2006 e 2012/2013), as funções de **orientadora de estágio**, de núcleos de Estudos Portugueses e Português / Francês do Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Nos anos letivos de 1996/1997, 1997/1998, 1998/1999 fui **membro do Conselho Pedagógico** e **integrei a secção de Formação** deste Conselho.

Nos anos letivos de 2000/2001, 2001/2002 e 2002/2003 fui **membro suplente da Assembleia de Escola** e nos anos letivos de 2004 / 2005, 2005/2006 **membro efetivo**.

No ano letivo de 1992 / 93, fui **assessora da Diretora de Turma e da Coordenadora do projeto de Área – Escola** subordinado ao tema *As atividades comerciais hoje e no tempo de D. Dinis*.

Nos anos letivos de 1993/1994, 1994/1995, 1995/1996, 2005/2006, 2006/2007, 2007/2008, 2008/2009, 2009/2010, 2010/2011, 2011/2012 e 2012/2013 exerci o cargo de **Diretora de Turma**.

No ano letivo de 1993 / 94 fui **coordenadora** de dois projetos **de Área – Escola** subordinados aos seguintes temas: *Lousã – A Terra e as Gentes: O ambiente* e *Lousã; – A Terra e as Gentes: O Património Cultural*.

No ano letivo de 1994/95, coordenei o projeto de Área – Escola que consistiu em dramatizar uma Feira Medieval no Castelo de Montemor-o-Velho.

No ano letivo de 1995/96, coordenei o projeto de Área – Escola subordinado ao tema “Sala de aula mais acolhedora e propícia ao trabalho”. **Exerci também o cargo de coordenadora de ano (7.º ano) da Área-Escola.**

No ano letivo de 1993/94, **integrei a equipa do Clube de Expressão Dramática** da Escola.

No ano letivo de 1995/96, **fui membro da Equipa de Coordenação das Atividades Extra - curriculares da Escola.**

No ano letivo de 1996/97, exerci o cargo de **Coordenadora do processo de Avaliação Externa do Desempenho dos Alunos do Ensino Básico.**

Nos anos letivos de 1996/1997, 1997/1998, 1998/1999, 1999/2000 fui **membro do Secretariado das Provas Globais.**

No ano letivo de 2007/2008, **integrei o painel dos Diretores de Turma** para a avaliação Externa da Escola.

Nos anos letivos de 2007/2008, 2008/09, 2009/10 e 2010/2011 fui **Coordenadora de Escola do Plano Nacional de Leitura.**

No ano letivo de 2008/2009, desempenhei o cargo de **Coordenadora de Escola do Projeto PISA** (*Programme for International Student Assessment*), lançado pela OCDE, em 1997. O PISA é um dos projetos internacionais referentes à avaliação educacional que o GAVE (Gabinete de Avaliação Educacional) integra.

Nos anos letivos de 2007/2008, 2008/09, 2009/2010, 2010/2011, 2011/2012 fui **Supervisora dos Exames de Nacionais de Língua Portuguesa, do Ensino Básico (9.º ano)**, estabelecendo a ligação entre o GAVE, o agrupamento de exames e os classificadores, durante o período de classificação dos exames nacionais.<sup>1</sup>

No ano letivo de 2008/2009, fui **membro do Conselho Geral Transitório** da Escola.

No ano letivo de 2008/2009, **integrei a Comissão do Conselho Geral Transitório** para a revisão do Regulamento Interno.

No ano letivo de 2008/2009, **integrei a Comissão do Conselho Geral Transitório para a elaboração do Regimento do Conselho Geral transitório, do Regulamento**

---

<sup>1</sup>A supervisão da classificação dos exames tem como principal objetivo aumentar a fiabilidade da classificação das provas, promovendo padrões de qualidade na avaliação educacional, uma vez que se pretende garantir uma aplicação rigorosa dos critérios de classificação definidos.



**do Procedimento Concursal a Diretor e redação de todos os documentos necessários a este Concurso.**

No ano letivo de 2008/2009, fui **membro da Comissão do Conselho Geral Transitório para análise das candidaturas a Diretor** e realizei com os outros membros da comissão, as entrevistas aos candidatos a Diretor da Escola Secundária da Lousã.

Nos anos letivos de 2009/2010 e 2010/2011 **integrei o Conselho Geral da Escola.**

Fui formadora no âmbito dos Cursos **Formação de Profissionais de Avaliação Pedagógica e Formação de Formadores**, promovidos pela Associação Nacional de Formadores e Técnicos de Formação TALENTUS, em Coimbra, no ano de 1997, tendo ministrado dois módulos - *A avaliação da preparação das sessões de formação e A avaliação no decurso da formação.*

Fui formadora no âmbito do Curso de **Formação de Formadores**, promovido pela Associação Nacional de Formadores e Técnicos de Formação TALENTUS, em Coimbra, no ano de 1999, tendo ministrado o seguinte módulo - *A avaliação da formação.*

### **3.3. Outras atividades na área da Educação e da Cultura**

#### **3.3.1. Júris**

Fiz parte da Comissão para elaboração do exame de 9.º ano, de Língua Portuguesa, na Escola Básica 2 3 Eugénio de Castro - Coimbra, no ano letivo de 1995/96.

Fui júri nos exames de 9.º ano, de Língua Portuguesa, na Escola Básica 2 3 Eugénio de Castro - Coimbra, no ano letivo de 1995/96.

Fiz parte da Comissão para elaboração das Provas Globais do 10.º ano – Português B, na Escola Secundária da Quinta das Flores – Coimbra, nos anos letivos de 1996/97, 1997/98, 1998/99 e 1999/2000 e de 11.º ano no ano letivo de 1999/2000.

Fui júri nos exames de 9.º ano, de Língua Portuguesa, na Escola Secundária da Quinta das Flores - Coimbra, no ano letivo de 1997/98 e 1998/99.

Fiz parte da Comissão para elaboração do exame de 9.º ano, de Língua Portuguesa, na Escola Secundária da Quinta das Flores - Coimbra, no ano letivo de 1997/98 e 1998/99.

Fiz parte da Comissão para elaboração do exame de 9.º ano, de Língua Portuguesa, na Escola Secundária da Lousã, no ano letivo de 2010/2011.

Fui coadjuvante do exame nacional de Língua Portuguesa de 9.º ano, no ano letivo de 2010/2011.

Fui classificadora de exames nacionais de Língua Portuguesa de 9.º ano nos anos letivos de 2007/2008, 2008/2009, 2009/2010, 2010/2011 e 2011/2012.

Fui júri das provas orais do exame nacional de Língua Portuguesa de 9.º ano, nos anos letivos de 2008/2009 e 2010/2011.

### **3.3.2. Mesas Redondas**

Participei na mesa Redonda – Ser Professor – integrada nas atividades da disciplina de Métodos e Técnicas de Educação do ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizada no dia 9 de dezembro de 1994.

### **3.3.3. Comunicações**

#### A competência da escrita nos manuais de 10.º ano de Português

1<sup>st</sup>International Conference of Psychology and Education: Practices, Training and Research, icPEd 2009;

Departamento de Psicologia da Universidade da Beira Interior; Covilhã; 26-28 de março 2008.

#### Composição de textos: construção de uma grelha de avaliação das estratégias nos manuais escolares

1<sup>st</sup>International Conference of Psychology and Education: Practices, Training and Research, icPEd 2009;

Departamento de Psicologia da Universidade da Beira Interior; Covilhã; 26-28 de março 2008.

#### A competência da escrita

XI congresso internacional galego-português de psicopedagogia

Simpósio: Composição de textos - 7, 8, 9 de setembro de 2011 – Corunha

#### A escrita nos manuais de 10.º ano de Português

II Encontro Internacional do Ensino do Português;

Escola Superior de Educação; Coimbra; 10, 11 e 12 de fevereiro 2011.

### **3.4. Publicações**

Participação na obra *Para Uma avaliação da leitura na Língua Portuguesa* – GAVE, Lisboa, 2009.

#### 4. FUNDAMENTAÇÃO DO TEMA

A escolha da temática ligada ao estudo de “**Camões Lírico na aula de Português à luz da Cultura Clássica**” para o meu relatório prende-se com o facto de, ao longo dos anos de prática letiva, muitas vezes, verificar que a Cultura Clássica, no estudo da Lírica Camoniana, se resume a poucas linhas, simples notas de rodapé que acompanham os textos de Camões. Por considerar que a Cultura Clássica é fundamental para a compreensão do texto literário, e em particular do texto camoniano, quis ler atentamente os programas de Português e de Latim, conhecer o que os especialistas pensam sobre o assunto, refletir sobre a forma como os manuais abordam este conteúdo e, depois, propor um trabalho prático de abordagem/exploração do texto lírico camoniano, rentabilizando os aspetos da cultura greco-latina como facilitadores e enriquecedores, quer da leitura, quer da formação global e cultural do aluno.

Os próprios programas de Português e de Latim fornecem motivos que justificam a escolha do tema para este relatório.

Numa leitura atenta do programa de Português para o ensino secundário, verifico que podemos encontrar ecos da importância da Cultura Clássica para a leitura do texto literário na aula de Português.

Assim, na apresentação do programa de Português afirma-se que “A leitura do texto literário deverá ser estimulada, pois contribui decisivamente para o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, integrando as dimensões humanista, social e artística” (p.5). Neste contexto, considero que a Cultura Clássica é propiciadora dessa dimensão humanista e artística.

No texto programático apresenta-se como finalidade da disciplina de Português “Promover o conhecimento de obras/autores representativos da tradição literária, garantindo o acesso a um capital cultural comum.” (p. 6) Ora, a nossa tradição literária está, sem dúvida, intimamente relacionada com o horizonte cultural da Antiguidade Clássica. Na mesma linha de pensamento surge o objetivo da disciplina de Português apontado pelo programa: “Desenvolver o gosto pela leitura dos textos (...) da literatura universal, como forma de descobrir a relevância da linguagem literária na exploração das potencialidades da língua e de ampliar o conhecimento do mundo”. (p. 7) Não é possível falar de literatura universal, ignorando-se a literatura greco-latina.

Nas sugestões metodológicas gerais relativas à leitura encontro esta afirmação: “Quanto mais conhecimentos o leitor tiver sobre o tema tratado no texto, (...) mais

informação será integrada na sua representação individual do texto e mais competente é como leitor”. (p. 23). De facto, a Cultura Clássica, em alguns textos, fornece esses conhecimentos que proporcionam a sua descodificação e que tornam o aluno um leitor mais competente. Alguns exemplos desta situação são apresentados no percurso didático, no ponto 5.4 deste trabalho.

O programa defende que “A **pré-leitura** pressupõe: a observação global do texto e a criação de condições à compreensão, mobilizando conhecimentos ou vivências que se possam relacionar com o texto” (p.23). Atividades de pesquisa acerca de mitos e figuras da Cultura Clássica, origem etimológica das palavras, entre outras, vão ao encontro da criação das referidas “condições à compreensão”.

No programa de Português, na página 24, é feita uma afirmação que merece alguma reflexão. A propósito da exploração do texto no contexto de aula nota-se, uma vez mais, uma orientação para o trabalho de construção dos sentidos:

“Seja qual for a modalidade pedagógica ou estratégia/actividade escolhidas para abordar um texto, o que importa é fazer do aluno um leitor activo, capaz de seleccionar informação, formular hipóteses, construir sentidos, mobilizando referências culturais diversas, comparar/confrontar textos lidos, tornando-se progressivamente mais competente como leitor.” (p.24)

Ora, é no âmbito da Cultura Clássica que o aluno, muitas vezes, recolhe informações, mobiliza referências culturais que funcionam como chave para entrar e compreender os textos. Pode também estabelecer a comparação e o confronto com textos lidos, como por exemplo traduções de obras da Antiguidade Clássica, ou adaptações das mesmas. Um exemplo inequívoco dessa conexão é o estudo de *Os Lusíadas* e a sua relação com as epopeias greco-latinas.

A minha formação em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa permitiu-me lecionar Latim e, conseqüentemente, conhecer o programa desta disciplina. Recordo alguns aspetos do programa de Latim que podem dialogar com o de Português, funcionando como complemento. Assim, na introdução do Programa de Latim, diz-se que “a disciplina de Latim procura responder a alguns dos Objectivos Gerais para o Ensino Secundário enunciados na Lei de Bases do Sistema Educativo, Art. 9º, nomeadamente:

-Facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão artística;

-Fomentar a aquisição e aplicação dum saber cada vez mais aprofundado assente no estudo, na reflexão crítica, na observação e na experimentação;

Valorizámos, assim, a articulação do presente com o passado, partindo da observação do mundo em que vivemos para a procura das nossas raízes histórico-culturais.” (p.3)

Também as finalidades do programa de Latim me levam a pensar na sua articulação com o programa de Português, pela valorização da Cultura Clássica:

“— Contribuir para a compreensão da génese da cultura ocidental.

— Proporcionar um melhor entendimento de elementos que estruturam a cultura portuguesa.

— Contribuir para a salvaguarda da identidade nacional e do património linguístico.

— Promover o desenvolvimento de capacidades que levem à reflexão linguística.” (p.5).

Os próprios objetivos apontados para a disciplina de Latim podem ser importantes numa perspetiva de reflexão articulada com o programa de Português. Destaco três que me parecem particularmente importantes:

“— Identificar a permanência de elementos culturais romanos na moderna civilização ocidental.

— Relacionar aspectos relevantes da cultura portuguesa com a cultura clássica.

— Interpretar o significado de valores tradicionais portugueses na sua relação com o passado” (p.5).

No programa de Latim, quando são elencados os conteúdos, destaca-se “A presença clássica (...) na literatura”. (p.7) Ora, penso que este conteúdo complementa o que se aponta no programa de Português e é um aspeto importante a ter em conta no tratamento do texto lírico camoniano.

No que diz respeito às metodologias, faz-se referência à necessidade de levar “os alunos a observar a realidade circundante e a verificar nela a presença frequente de elementos da cultura greco-latina” (p. 8). Esta via de abordagem pode constituir uma estratégia profícua no âmbito da análise do texto literário e nomeadamente do texto camoniano.

Quando leio o capítulo destinado às competências a desenvolver no aluno de Latim, vejo imediatamente competências importantes para o aluno de Português. Destaco dois exemplos:

“— Relação da língua e cultura latinas com a língua e cultura portuguesas.

— Observação reflectida de elementos ocorrentes na cultura ocidental continuadores da cultura greco-latina ou dela divergentes.” (p.10)

Uma visão articulada dos programas de Latim e de Português, numa perspetiva complementar, será enriquecedora para as aulas a lecionar no âmbito da disciplina de Português.

Assim, com este relatório, espero poder contribuir para alertar para o facto de, apesar de a Cultura Clássica estar explicitamente ausente dos manuais escolares, esta poder ser integrada no estudo de Camões Lírico pois, é uma presença implícita do Classicismo. Passo então, a apresentar o tema monográfico.

## **5. TEMA MONOGRÁFICO: “Camões Lírico na aula de Português à luz da Cultura Clássica”**

### **5.1. Apresentação**

Neste capítulo irei refletir sobre a forma de abordar Camões Lírico, nas aulas de Português, no 10.º ano, enquanto conteúdo de leitura literária, considerando opções hoje vigentes e sugerindo outras práticas, com base em fundamentos de uma atualizada crítica literária e didática.

Pretendo problematizar a importância que a Cultura Clássica pode ter no âmbito da análise dos textos líricos de Camões, para depois apresentar um percurso didático devidamente fundamentado.

Assim, esta parte estrutura-se em quatro momentos diferentes. Em primeiro lugar refiro a importância da Cultura Clássica para a leitura do texto lírico camoniano. Prossigo, apresentando o enquadramento da poesia de Camões, a partir do programa de Português e levando em conta, necessariamente, o pensamento dos especialistas em matéria camoniana. Num terceiro momento, através da análise dos manuais do décimo ano de Português, pretendo verificar se a Cultura Clássica está presente no tratamento de Camões Lírico. Em seguida, discuto a possibilidade de reconfiguração do estudo da poesia deste autor. Finalmente, refletirei sobre os caminhos que podem ser observados no trabalho com a Lírica Camoniana. Assim, terminarei com a apresentação e a análise crítica de uma proposta didática para uma abordagem da poesia lírica de Camões, testada em sala de aula este ano letivo, numa turma de 10.º ano.

## 5.2. Importância da Cultura Clássica para a leitura do texto literário na aula de Português – O CASO DE CAMÕES LÍRICO

Antes de avançar para a importância da Cultura Clássica na leitura da Lírica Camoniana, parece-me relevante não esquecer o conhecimento que Camões teria da Antiguidade, para assim compreendermos os seus ecos na obra do humanista.

Maria Helena da Rocha Pereira (2012: 29) chama a atenção precisamente para o conhecimento que Camões teria dos autores clássicos, referindo que

“o próprio uso linguístico de Camões só confirma o papel dado ao estudo, designadamente ao dos autores latinos. Se não houvesse mais nenhuma prova do seu saber, bastaria a extensa lista dos seus latinismos lexicais (...), para não se permitirem dúvidas sobre o conhecimento que tinha do idioma do Lácio”.

“Outra prova – e esta muito curiosa – pode tirar-se de um dos nomes mais famosos da lista das suas amadas. Nada menos que Dinamene! O apelido (...) é na verdade um helenismo de sentido bem claro (...) que não escapou a Camões: é o participio do presente de um verbo que significa “poder”, e deve, portanto, traduzir-se por “a poderosa”.

Camões sabia Latim e teria alguns conhecimentos de Grego. Diz-nos a este propósito, M. H. Rocha Pereira (2007: 106), “o nosso maior poeta, além de manusear o latim com extrema familiaridade, também tinha algum conhecimento, pelo menos, da outra língua clássica.”

Esta especialista (2007: 96) reflete sobre a cultura do poeta a partir dos nomes usados na poesia, do seu significado e origem. Esclarece que estes “nomes surgem n’ *Os Lusíadas*, mas com mais frequência na Lírica (Éclogas, Elegias, Sonetos). Podem eles [os nomes] repartir-se por duas espécies: os anagramas e os mitónimos gregos”.

Como exemplos do primeiro grupo aparece Belisa, interlocutora da Écloga III e amada de Frondoso na Écloga VI, que terá na sua base Isabel, tal como Sibela do Soneto 75.

Nise que surge no Soneto 68, representando Inês, “parece ficar na fronteira entre o anagrama e o mitónimo”. A Nise da Écloga dos Faunos (VII) deve equivaler à Nisae de *Eneida* v.826, que “por sua vez, é a transliteração latina, com itacismo, da (...) que figura tanto no catálogo das Nereidas de Hesíodo (*Teogonia* 249), como na *Ilíada* (XVIII.40) e que significa a que vive nas ilhas.” (2007: 97).



Nome marcadamente helénico é Dinamene (*Ilíada* XVIII.43; *Teogonia* 248) “a poderosa”. Este nome aparece também na *Écloga* VI.74, 217 e 249, na *Elegia* I.78 e nos sonetos 80, 100, 101 e 106.

Lemnorria, a amada de Alieuro, presente na *Écloga* VI, é, na opinião de M. H. Rocha Pereira, a “de *Ilíada* XVIII, com fenómeno de hipercorreção de um suposto itacismo.”

Alieuto se chama, que perdido  
era pela formosa Lemnorria,  
Ninfa que tem o mar ennobrecido.

(*Écloga* VI. 106-108)

De acordo com esta estudiosa (2007: 106), para Tétis encontram-se modelos em *Teogonia* 244, *Eneida* V. 825 e ainda *Metamorfoses* XIII.738-899. Conclui-se que, num grupo de mais de vinte Ninfas, apenas um número reduzido é formado por anagramas ou criptónimos comuns na época, pois a maioria “ascende à *Eneida* ou às *Geórgicas* e, pelo menos alguns, a modelos gregos, com mediação latina”.

Tendo em conta o conhecimento destes nomes, acredita-se que Camões conhecia o catálogo das Nereides da *Ilíada* e percebia seu o significado. De facto, pensa-se que Camões manuseava o latim com alguma facilidade e tinha algum conhecimento do grego.

Aníbal Pinto de Castro (2007: 322) afirma que não é possível duvidar da Cultura Clássica de Camões, citando autores (Faria e Sousa, José Maria Rodrigues...) que apresentaram provas “bem concludentes da sua extensão e profundidade”.

Passo agora a uma reflexão acerca da presença da Cultura Clássica na atualidade. Esta continua presente nos nossos dias afirma José Ribeiro Ferreira (1991: 57) num artigo publicado no número 16 do *Boletim de Estudos Clássicos*,

“A cultura clássica criou valores intrínsecos de grande relevância que, transmitidos ao longo dos tempos, estão na base do viver e sentir do homem moderno: em especial deram forma à cultura ocidental e nela permanecem pujantes e vivos.”

“Com frequência, quer no falar comum, quer na língua literária, deparamos com expressões que encontravam a sua origem nas línguas e na história e cultura clássicas”.

Este estudioso alerta para o facto de a influência grega e romana se continuar a fazer sentir na atualidade, quer em palavras, quer em frases e conceitos que provêm da mitologia e da história antigas, mais concretamente da Cultura greco-latina.

Através dos tempos, a literatura e a cultura manifestam a presença de mitos e temas da cultura antiga, portanto, tal como nos diz Ribeiro Ferreira (1991: 59)

“Sem um mínimo de conhecimento da literatura e cultura [clássica] (...) será impossível uma compreensão perfeita, ou mesmo razoável, de certos fenómenos da história posterior e de boa parte da literatura e de muitas obras primas da cultura ocidental.”

Por consequência, Camões Lírico deve, sem dúvida, ser integrado nas obras primas da cultura ocidental que devem ser lidas à luz da Antiguidade Clássica.

De facto, a Cultura Clássica não pode, não deve ser esquecida, porque “Foram muitos séculos de contacto assíduo e íntimo que não apenas fizeram da cultura clássica a matriz da nossa, mas, mais do que isso a tornaram parte do nosso próprio ser. Sem ela não seríamos o que hoje somos. Mas outros”, lembra-nos Ribeiro Ferreira (1991: 64).

Atentemos, por exemplo, no tema da “Metamorfose” que surge na poesia camoniana, nomeadamente, no Soneto 72.

Em formosa Leteia se confia,  
Por onde vaidade tanta alcança,  
Que, tornada em soberba e confiança,  
Com os deuses celestes competia.

Por que não fosse avante esta ousadia,  
(Que nascem muitos erros da tardança)  
Em efeito puseram a vingança  
Que tamanha doudice merecia.

Mas Oleno, perdido por Leteia,  
Não lhe sofrendo Amor que suportasse  
Duro castigo em tanta formosura,

Quis a pena tomar da culpa alheia.  
Mas, por que a morte Amor não apartasse,  
Ambos tornados são em pedra dura.

M. H. Rocha Pereira (2007: 136) explica que

“O soneto camoniano dedica quatro versos a cada momento significativo do drama: vaidade de Leteia; castigo decretado pelos deuses; decisão de Oleno, oferecendo-se, por amor, para o suportar. Esta motivação tem a sua contrapartida na razão invocada para a efectivação da dupla metamorfose, que encerra abruptamente a história:

Mas, por que a morte Amor não apartasse,  
ambos tornados são em pedra dura.”

Um aspeto importante da Cultura Clássica para a leitura da Lírica Camoniana é a mitologia, tal como defende Aníbal Pinto de Castro (1995: 49). Este estudioso mostra-nos que os mitos clássicos estão presentes na poesia de Camões e lembra-nos a sua função

“funções semânticas que, em termos de poética, o mundo mitológico clássico assume na Lírica de Camões.”:

“A mitologia forneceu a Camões, como a todos os escritores do seu tempo e ainda por dois bons séculos depois, um copioso manancial de ornato retórico-estilístico, onde eles beberam largamente claramente comparações, símiles, perífrases e metáforas para enriquecerem os respetivos idiolectos com peregrina roupagem formal”.

A mitologia serve também para “metaforicamente, chorar a perda de personagens levadas pela morte (Elegia *Que novas tristes são, que novo dano*) (1995: 52) e pode também ser utilizada para a *laudatio áulica* (1995: 54)

Despois que viu Cibele o corpo humano  
do fermoso Átis seu verde pinheiro,  
em piedade o vão furar primeiro  
convertido, chorou seu grave dano.

E, fazendo a sua dor ilustre engano,  
a Júpiter pediu que o verdadeiro  
preço da nova palma e do loureiro,  
ao seu pinheiro desse, soberano.

Mais lhe concede o filho poderoso  
que, as estrelas, subindo, tocar possa,  
vendo os segredos lá do Céu superno.

Oh! ditoso Pinheiro! Oh! mais ditoso  
quem se vir coroar da folha vossa,  
cantando à vossa sombra verso eterno!

“Átis, um belo jovem disputado simultaneamente por Agdístis, sua mãe, e por Cibele, é acometido de loucura e castra-se em cima de um pinheiro, morrendo da mutilação. A mãe dos deuses pede então a Júpiter que o transforme naquela árvore e a enobreça com o mesmo prestígio de que gozavam a palma e o louro, símbolos das Musas e de Apolo. (1995:54)

Segundo Aníbal Pinto de Castro (1995: 56), na Écloga VII, “a mitologia atinge a plenitude da significação simbólica, numa irreprimível estesia, de rara beleza significativa!”

O espaço do *locus amoenus* localiza-se simbolicamente no Cume do Parnaso e rodeado de “silvestre arvoredo”, portador de uma “virgindade edénica” – “Não se verão

ao redor pisadas / de fera ou de pastor que ali chegasse, / porque do espesso monte são vedadas”.

Os elementos da natureza (mineral, vegetal e animal), apresentados na Antiguidade Clássica em mitos, são expostos pelo Segundo Sátiro, “como símbolos dessa invencível e fatal força que arrasta os seres numa atração mútua que nem a força dos Homens, nem o castigo dos Deuses são capazes de refrear ou enganar”.

Também encontramos nesta Écloga a expressão metafórica dos amores das fontes nas figuras de Alfeu e Aretusa, Ácis e Galateia, Égira e Numa Pompílio, Bíblis e Cauno.

Aníbal Pinto de Castro (1995: 57) aponta ainda as seguintes provas trágicas de onipotência do Amor:

“Tisbe e Píramo, cujo sangue de morte por amor tingira as amoras de vermelho; Mirra, cuja paixão incestuosa pelo pai Cíniras lhe acarretara o castigo de ser transformada em árvore odorífera; Dafne, que por amor de Apolo fora metamorfoseada em loureiro, Ciparisso a quem Apolo, por amor, eternizara em cipreste; Átis transformado em pinheiro; Lótis feita lótus; Fílis que o amor de Demofonte convertera em amendoeira - são outras tantas provas trágicas da onipotência do Amor.

Jacinto morto por ciúmes de Zéfiro e transformado em flor; Adónis amado por Vénus; Clície e Leucótoe que disputavam o amor de Apolo e foram castigadas, dando a segunda lugar aos girassóis, são, entre as flores, outros tantos exemplos de como “nenhum alegre estado permanece /que são do mundo os gostos mentirosos”.

É feita de seguida uma referência aos amores das aves e das feras.

“Para as primeiras, lembra o mito de Progne e Filomela, transformadas pelos deuses em rouxinol e andorinha, em consequência do amor pecaminoso de Tereu; o de Nictímene transformada por Atena em coruja como castigo do incesto cometido com Neptuno, seu pai; o de Corónis, cuja indiscrição lhe acarretara o castigo de Atena, convertendo-a em gralha; o de Cila que, apaixonada pelo inimigo Minos, quando este cercava Mégara, sua pátria, traíu o pai, recebendo como castigo a metamorfose em poupa; o de Ésaco, que, destroçado pela morte da mulher, se lançou no mar, mas a quem Tétis piedosamente transformou em corvo marinho; e o de Alcíone e Ceíce cujo amor conjugal, atraindo a inveja dos deuses, determinara a sua conversão em aves marinhas.

Para as feras evoca os casos de Atalanta e Hipómenes, transformados em leões; de Io, transformada em vaca e Calisto, em urso, pelos ciúmes de Juno; e Actéon cuja insolência para com Diana e, sobretudo, cuja negação ao amor haviam condenado à condição de cervo.”

M. H. Rocha Pereira (2007: 132) salienta que “há certas constantes no pensamento do poeta que tanto se exprimem por alusões veladas como através de símbolos consagradas por uma longa tradição literária. Está neste último caso o uso multiplicado do mito de Orfeu e Eurídice.”

Esta especialista (2007: 125) diz-nos que o mito em causa surge na Elegia II e na Ode III. Relativamente ao primeiro exemplo, verifica-se que o tema da perenidade do amor se entrelaça com o poder da voz. “No termo da Elegia, depois de ter glosado largamente o tema da mudança, prevê a continuação do seu canto no além, um além cuja paisagem é a tradicional do Hades greco-latino, com “as negras águas do Cocito, esses hórridos penedos,/a quem negou Natura o claro dia. Aí o próprio Orfeu “já seguro/de perder sua Eurídice, o ajudará a celebrar o “gesto claro e puro/que nunca perderei da fantasia””.

Na parte central da Ode III o mito de “Orfeu é tratado em extensão”...

Oh! bem afortunado!  
Tu, que alcançaste com lira toante  
Orfeu, ser escutado  
do fero Radamante,  
e c' os teus olhos ver a doce amante!

As infernais figuras  
moveste com teu canto docemente;  
três Fúrias escuras,  
implacáveis à gente,  
quietas se tornaram, de repente.

Ficou como pasmado  
todo o Estígio reino c' o teu canto;  
e, quase descansado,  
de teu eterno pranto  
cessou de alçar Sísifo o grave canto.

A ordem se mudava  
das penas que ordenava ali Plutão,  
em descanso tornava  
a roda de Ixião,  
e em glória quantas penas ali são.

Pelo qual, admirada  
a Rainha infernal e comovida,  
te deu a desejada  
esposa que, perdida,  
de tantos dias já tivera a vida.

A estudiosa destaca que o desenlace fatal da história – segunda perda de Eurídice, por Orfeu não ter vencido o desejo de olhar para trás – é ignorado.

M. H. Rocha Pereira (2007: 128) remete-nos para Virgílio e Ovídio. “Deste [último] é o [tópico] da quietação das Fúrias, da paragem do suplício de Sísifo e do de Ixião – este comum a Virgílio. Das *Geórgicas* vem a concessão feita por Prosérpina, mas com notável variante de ser o espanto causado pela cessação das penas infernais que a demove.”

A Cultura Clássica, na vertente lexical, pode também trazer um contributo importante para a leitura e compreensão do texto camoniano.

Assim, Sebastião Pinho (2007: 171) alerta para “o recurso ao comentário erudito, naturalmente baseado na etimologia e semântica da fonte clássica inicial”. Este estudioso documenta esta afirmação com o exemplo do adjetivo “seguro” presente no mote da redondilha

Descalça vai pera a fonte  
Lianor, pela verdura;  
vai fermosa e não segura

Considera este adjetivo (*segura*) um latinismo semântico. Convém salientar que entende por latinismo “qualquer vocábulo cujo verdadeiro significado só se pode compreender devidamente (...) recorrendo ao seu sentido original latino”.

Para verdadeiramente se compreender o sentido e o significado do adjetivo “segura” do último verso do mote, devemos começar pela análise da sua etimologia.

Na opinião de Sebastião Pinho (2007: 173) a forma latina que está na base deste adjetivo é *se+curus*, tendo o primeiro elemento (*se*) o valor de “afastamento, separação, privação, negação” e o segundo (*curus*) de “preocupação, cuidado, inquietação, diligência”. Portanto, *se+curus* tem o significado de afastamento de preocupações, tranquilo, ou seja, despreocupado. Assim, Lianor ia para a fonte formosa, mas “não despreocupada nem tranquila” (2007: 173). Esta semântica de “seguro” aparece noutros textos camonianos, como por exemplo no soneto *Quando o sol encuberto vai mostrando*.

Sebastião Pinho (2007: 183) conclui que

“Lianor a caminho da fonte vai fermosa, ou leda, e não segura, quer dizer, não sem-cura, ou não sem preocupação. Atendendo a que estamos perante um a dupla negativa – “não” e “sem” – em que a primeira anula o efeito da segunda para reforçar e superlativizar o seu contrário, pelo conhecido processo de lítotes, significa isto que Lianor vai, para a

fonte, alegre e ‘profundamente ocupada’, isto é, dominada pelas suas preocupações amorosas, que eram, afinal, o grande motivo daquela saída sob pretexto da ida à fonte.”

Defende o estudioso (2007: 184) que a expressão “não segura” não se relaciona com insegurança ou incerteza, mas com “desassossego amoroso. Leonor vai a caminho da fonte (...) cheia de alegria e beleza e profundamente movida pela coita de amor”.

Não recorrendo à etimologia corríamos o risco de fazer uma incorreta interpretação desta expressão, logo uma má leitura do texto.

Em síntese, a Cultura Clássica é determinante para a leitura do texto literário português. Pois, como nos diz José Ribeiro Ferreira, (1999: 395) “Mitos, autores e temas da Antiguidade clássica constituem um importante legado que continua hoje vivo e em constante utilização pelos autores contemporâneos para darem corpo a sentimentos, dramas e ideais da actualidade. A literatura portuguesa não foge à regra”.

### **5.2.1. Camões Lírico no ensino secundário**

Camões Lírico surge no programa de Português do 10.º ano, na sequência de ensino-aprendizagem n.º 2, integrado nos textos literários de carácter autobiográfico (p. 36).

Incluir a Lírica Camoniana no texto autobiográfico representa uma opção por um caminho perigoso, com “riscos de perversão de leitura”, como salientam Ana Garrido, Cristina Duarte, Fátima Rodrigues, Fernanda Afonso e Lúcia Lemos, autoras do *livro do professor*, do manual *Antologia / Práticas* (2007: 41). Estas defendem que

“Os textos poéticos não são textos autobiográficos nem como tal podem ser lidos e incluí-los numa modalidade de leitura literária desta tipologia corresponde a um artificialismo sem sentido. Os poemas de Camões só têm um lugar possível dentro das tipologias do programa: pertencem à leitura literária dos textos expressivos e criativos, ou, de forma menos artificial e mais rigorosa, são poesia lírica.

Lê-los como textos autobiográficos tem sido uma tentação ao longo dos séculos e tem induzido às mais fantasiosas versões da vida de Camões, da qual, verdadeiramente, pouco se sabe com segurança.”

Rita Marnoto (2007: 111) considera questionável a leitura do texto camoniano segundo um critério autobiográfico, quando relembra que já “o crítico oitocentista José Maria da Costa e Silva (...) colocava a questão da biografia camoniana nos seguintes termos:

“Este modo de escrever a vida de um poeta pelas induções, que podem tirar-se de alguns trechos dos seus poemas, pode sim provar grande sagacidade e engenho em quem se dá a este exame, porém, tenho-o por sobremaneira falível, e tão falível como querer ajuizar por suas obras do seu caráter, opiniões e sentimentos.”

M. H. Rocha Pereira (2012: 42) também considera duvidosa a leitura dos textos de Camões segundo um “suporte biográfico”, quando explica a origem do nome Dinamene (*vide supra*, p.17).

O programa de Português em vigor percorreu um longo caminho, nem sempre consensual e isento de controvérsia. Logo em 2001, quando a proposta de programa foi apresentada para discussão pública, suscitou fortes críticas, uma vez que se menosprezava a literatura nacional e a Épica Camoniana, em particular, como nos diz Susana Mira Leal (2006). Vasculhando os jornais da época (2001) encontrei artigos que provam o que acabo de dizer: “Acabar de vez com a literatura” de Carlos Ceia, publicado no *Jornal de Letras*, em 16 de maio; “Camões no limbo” de Vasco Graça Moura, no *Diário de Notícias* de 20 de junho; “Matar Camões” de Nuno Pacheco, no *Público* de 11 e 12 de agosto; “Queremos Camões ou o boletim meteorológico?”, de José Júdice, no *Independente* de 17 de agosto; “Nivelar por baixo os alunos” de Maria do Carmo Vieira, no *Jornal de Letras* de 5 de setembro...

Em virtude do clima de acesa crítica que se vivia, o ministro da educação de então, Professor Júlio Pedrosa, teve de vir a público garantir a permanência e importância da obra lírica e épica de Camões no currículo do Ensino Secundário.

Também a Associação de Professores de Português, num parecer acerca da Proposta de Programas de Língua Portuguesa no Ensino Secundário, manifestou a estranheza e surpresa em relação ao facto de Camões Lírico vir integrado no texto autobiográfico.

“Relativamente aos conteúdos, causa alguma surpresa ver (...) Camões Lírico incluído no texto autobiográfico” .

<http://www.app.pt/pareceres/pl5.html>

O novo programa veio a ser aplicado no ano letivo de 2003/2004, permanecendo até hoje. Apesar da sua homologação, continuavam a fazer-se ouvir vozes que se opunham à “vertente autobiográfica” no estudo da Lírica de Camões (Vieira, 2003). António Guerreiro (2003) também criticou o então novo programa, citando a professora Maria do Carmo Vieira, pois esta defendia que o texto programático dava primazia ao texto



informativo, subalternizando a literatura e todo o seu enquadramento nas diferentes tipologias de texto.

Esta professora escreveu uma carta aberta, que pôs a circular na *Internet*, dirigida ao Ministro da Educação, ao Ministro da Cultura, à Assembleia da República e População em Geral, considerando que era “inadmissível, com efeito, que Luís de Camões seja estudado como um exemplo de texto literário de carácter autobiográfico (10.º ano), impedindo-se a convivência com a variedade dos seus poemas e com o Homem do séc. XVI” ([www.petitiononline.com/ensinopt/](http://www.petitiononline.com/ensinopt/)).

Cardoso Bernardes (2011) vem também sublinhar a ideia que o programa de Português do Secundário tem cada vez menos conteúdos literários e os poucos que tem estão subordinados a uma perspectiva não-literária. A título de exemplo cita a “forma como os Programas “mandam” que se ensine a Lírica de Camões no atual 10.º ano de escolaridade”. Pois se os professores assumirem o espírito do Programa serão levados a, por exemplo, explorar um “soneto petrarquista como exemplo do discurso autobiográfico, destacando os deícticos da primeira pessoa e fazendo-o emparceirar (por via dessa afinidade) com um qualquer texto diarístico”.

Ana Maria Machado (2008) apresenta uma reflexão crítica acerca dos manuais e conseqüentemente dos programas relativamente à autobiografia, pois a organização daqueles decorre das orientações destes. Apresenta claramente a sua discordância em relação à tendência que os manuais de 10.º ano manifestam para integrar o diário, as memórias e o texto lírico num mesmo grupo intitulado de “Texto autobiográfico” e destaca o mérito de alguns excluírem a Lírica Camoniana daquilo a que chama uma “miscelânea”. Esta estudiosa alerta para o facto de haver uma diferença entre a “escrita diarística” e a “lírica de Camões”. Logo, em sua opinião, não podemos fazer uma leitura biografista das *Rimas*, porque corremos o risco de as desvirtuar.

Ana Maria Machado (2008: 78) afirma que é um “erro teórico” incluir a poesia lírica nos “Textos de carácter autobiográfico” e procede a um esclarecimento acerca das diferenças entre autobiografia e poesia lírica. Diz esta estudiosa:

“Efetivamente, o lirismo enquanto modo de expressão literária, poderá ter em comum com a narrativa autobiográfica, *latu sensu*, o predomínio de uma subjectividade, traduzida na deixis e no privilégio da conotação e da valoração, mas dela se distancia pelo modo como aborda o tempo: distintamente da narrativa, a lírica não contempla uma inserção temporal encadeada, contrariamente ao dinamismo e relevância que a categoria temporal alcança naquele género literário. Por outro lado, ao nível da representação, o poema lírico

não privilegia o contexto individual do mesmo modo que a narrativa autobiográfica. Ali, o mundo objectivo pode apenas servir de (pre)texto para a efusão lírica. A aproximação cometida dever-se-á talvez a uma relação de implicação entre sujeito e o autor empírico, tentadoramente aproximável do pacto autobiográfico. Persistem, todavia, outras divergências, no plano da concretização textual, que inviabilizam esse elo. Dou apenas dois exemplos: a função da descrição semântica num e noutra texto e a propensão estática da lírica, por oposição à narrativa, essencialmente dinâmica, sendo o movimento e o fluir temporal fundamentais na autobiografia e no diário.”

### 5.2.2. Presença ou ausência da Cultura Clássica nos Manuais de Português do 10.º ano.

No quadro que se segue, apresento o levantamento dos dados relativos ao tratamento dado pelos diferentes manuais (de 2010, último ano em que foi feita a adoção de manuais para o décimo ano) adotados pelas escolas. Analisei as páginas que dizem respeito a Camões Lírico e verifiquei se este autor aparece integrado na sequência dos textos autobiográficos, ou numa sequência autónoma. Depois, relativamente aos textos chamados de contextualização, leia-se textos relativos à vida e obra, à época e correntes literárias, correntes filosóficas associadas aos textos e ao autor em estudo, procurei identificar referências à Cultura Clássica. Em seguida, e relativamente ao *corpus textual* do autor selecionado para análise, fiz o levantamento das notas de rodapé que remetiam para figuras, deuses e outras realidades da Cultura Clássica. Finalmente, e analisando os questionários e propostas de trabalho, tentei identificar atividades de pesquisa ou outras e questões / perguntas relacionadas com elementos da Cultura Clássica abordados nos textos em estudo.

MANUAL	Camões Lírico integrado nos textos autobiográficos	Camões Lírico numa sequência autónoma	Referências à Cultura Clássica nos textos de contextualização	Notas de rodapé	Atividades de pesquisa ou outras relacionadas com elementos da Cultura Clássica presentes nos textos estudados	Questões que incluam aspetos relacionados com a Cultura Clássica
Plural 10		✓	✓	✓ Circe		
Português Dez		✓	✓			
Com textos 10	✓		✓		✓ Pesquisa a propósito do autor incluindo a “mentalidade e espírito dominantes (Humanismo e Classicismo)”	

Página Seguinte 10.º ano	✓		✓			
Entre Margens 10.º ano	✓		✓	✓ Circe		
Expressões 10.º Ano	✓		✓	✓ Circe		
Ser em Português 10	✓		✓	✓ Circe		

Após esta análise, constato que dos sete manuais observados, apenas dois atribuem uma sequência aos conteúdos programáticos relativos a Camões Lírico, nos restantes, os textos deste autor aparecem integrados na sequência dos textos autobiográficos, a par de cartas, diários, textos de memórias, autorretratos, autobiografias e romance com características autobiográficas. Em todos estes manuais surgem referências à Cultura Clássica nos textos de contextualização e apenas um solicita um trabalho de pesquisa

“1. Elabora uma pesquisa acerca do autor à esquerda [Camões], recolhendo informação focalizada nos seguintes tópicos:

- dados biográficos (complementares);
- formação e estudo;
- experiências de vida marcantes;
- produção literária de relevo;
- mentalidade e espírito dominantes ( Humanismo e Classicismo)?”.

*Com textos, 10.º ano, p. 152*

Apenas o último tópico deste trabalho de pesquisa remete para o universo cultural clássico.

Nos questionários que acompanham os textos, não aparece nenhuma pergunta que remeta para elementos da Cultura Clássica.

Portanto, posso afirmar que a cultura greco-latina está praticamente ausente dos manuais de Português do 10.º ano.

Esta ausência é muito penalizadora para os alunos, porque o seu instrumento de trabalho primordial não lhe fornece informações, que, por vezes, são determinantes para a compreensão e interpretação dos textos Camonianos. Além disso, estes referentes podem ser rentabilizados na sequência didática dos Poetas do Século XX.

Maria Helena da Rocha Pereira (2012: 251) explicita a influência de Horácio em Álvaro de Campos, reflete sobre os mitos clássicos em Miguel Torga (2012: 261),

esclarece que podemos encontrar motivos clássicos na poesia contemporânea, referindo-se particularmente ao Mito de Orfeu (2012: 287), alerta para a presença de Safo na poesia de Eugénio de Andrade (2012: 323).

Também José Ribeiro Ferreira se dedicou a estudar a presença da Cultura Clássica nos autores contemporâneos (1991; 1999; 2004), nomeadamente o tema de Ulisses (1996) e do Labirinto (1996), na poesia contemporânea, os temas clássicos em Manuel Alegre (1998), O mito de Orfeu e Eurídice em Miguel Torga (1998).

A Cultura Clássica marca presença em vários momentos do programa de Português, desde Camões Lírico aos Poetas do Século XX.

### **5.3. Possibilidade(s) de reconfiguração do estudo da Lírica Camoniana**

José Cardoso Bernardes (2000: 756) diz-nos que o estudo de Camões não se compagina com a leitura de um número reduzido de textos, é necessário dar mais tempo a Camões e incluir nos manuais textos de “maior fôlego”, uma canção, uma égloga, as “Oitavas ao desconcerto do mundo”...

Este especialista, quando propõe o que poderia ser “uma espécie de cânone do conhecimento da Lírica de Camões, a atingir idealmente pelo aluno de Português no termo do ensino secundário”, destaca sete aspetos:

“1 - Contextualizar a Lírica de Camões, delimitando, com a clareza possível, alguns dados histórico-biográficos.

2 - Identificar os códigos fundamentais que enformam a estética camoniana, incidindo, em especial, na tradição peninsular, no Petrarquismo, no Neoplatonismo e nas derivas maneiristas.

3 - Distinguir os géneros principais da Lírica Camoniana, considerando a especificidade semântica e técnico-formal que lhes corresponde: os diferentes tipos de soneto e de redondilha e, de entre os “géneros maiores”, pelo menos a canção e a égloga.

4 - Reconstituir o itinerário do sujeito poético e determinar as grandes constantes temático-ideológicas da mundividência camoniana, com destaque para o Amor, o Destino e a Natureza, discriminando o tipo de relações que se estabelece entre elas.

5 - Inventariar os processos formais mais recorrentes na Lírica de Camões e interpretar os respectivos efeitos de sentido.

6 - Esclarecer os pressupostos axiológicos do mundo camoniano, identificando-os de acordo com a época do poeta e tentando depois seguir-lhes o rasto até nossos dias.

7 - Tomar consciência da posição central que a Lírica Camoniana ocupa em termos de intertextualidade regressiva e projectiva, literária e não literária, ética e estética.”

Como verificamos, este investigador aponta um trajeto para o estudo da Lírica Camoniana bem mais abrangente do que o que preconiza o programa, partindo da “Língua e da “gramática” histórica e estética (1, 2, 3), alcançando depois o plano da forma e dos conteúdos textuais(4 e 5), culminando nos valores que resultam do texto (6) e terminando com a projecção intertextual.”, combatendo o carácter redutor do programa.

De acordo com os especialistas (Bernardes, 2000; Machado, 2008; Vieira, 2003; Garrido, 2007) defendo que Camões Lírico deve ser estudado como uma sequência de ensino aprendizagem autónoma. Foi essa a opção seguida na escola onde leciono. Até porque não podemos esquecer que os alunos não voltarão a contactar com a Lírica Camoniana ao longo do Ensino Secundário, e a maioria deles no resto da sua vida académica. Logo, compete-nos a nós, enquanto professores de Português, lecionar esta matéria com o relevo e profundidade adequados.

As razões expostas, levam-me a considerar que o estudo da Lírica Camoniana não deve, não pode ser levado a bom porto se não contar com os saberes e referentes provenientes da Cultura Clássica, pois estes são fatores imprescindíveis de enriquecimento cultural para o aluno e facilitadores da aprendizagem.

#### **5.4. Percurso didático**

Os materiais apresentados encerram um carácter didático e foram todos testados em sala de aula. Na sua elaboração, esteve sempre presente o critério da legibilidade, ou seja, tentei construir recursos que se caracterizassem pela objetividade e pela racionalidade possíveis no estudo do texto literário, para mais facilmente alcançar a esquematização das ideias fundamentais de cada texto, fornecendo assim aos alunos materiais de estudo e permitindo-lhes estruturar a informação. O balanço da utilização destes recursos foi muito positivo, referindo os alunos que lhes permitiam organizar a compreensão dos conteúdos, facilitando-lhes a revisão conceptual nos momentos de avaliação. As abordagens presentes nestes materiais contemplaram entemente a dimensão subjetiva da leitura e da interpretação explanadas oralmente em diálogo vertical e horizontal. A este propósito recorde-se Cristina Mello (1999:226) que destaca que “Todo o acto de leitura compreende movimentos de subjetivação (compreensão intuitiva) e objetivação (validação de inferências)”.

De acordo com Maria Teresa Tavares (2007: 144), perante um texto poético, “sabemos não haver duas leituras iguais”, mas o facto de um poema suscitar leituras

diferentes não significa que cada aluno possa ler “não o texto mas a sua própria fantasia”. “Embora não haja duas leituras iguais, algumas parecem-nos pertinentes e outras patetas ou fantasiosas”. Os textos contêm “os seus próprios dispositivos que os defendem inviabilizando que um leitor que a isso seja atento e sensível se abandone a excessos subjetivos”. Em diálogo com e entre os alunos, procurei destacar esses dispositivos e elaborar o registo dos mesmos nos materiais criados para o efeito.

Com os materiais elaborados para esta sequência pretendi, tal como defende Cristina Mello (1999: 226), “orientar o aluno a dar os seus “passeios inferências (U. Eco), na certeza de que, do caminho percorrido com atenção, interesse e curiosidade, ficarão marcas indeléveis na memória”. Conseguindo o aluno atualizar, sempre que necessário, os conhecimentos que foi reunindo.

O quadro que se segue proporciona uma visão global da sequência didática e dá conta dos seus objetivos e conteúdos. Em seguida, descrevo o trajeto adotado em cada aula e apresento os respetivos materiais didáticos utilizados: uns retirados do manual adotado, outros criados por mim e uma ficha produzida por colegas.<sup>2</sup>

Uma vez que a elaboração desta sequência não terminou com a lecionação da mesma, apresentarei também materiais e estratégias que poderei vir a utilizar no futuro, exatamente o que pretendo fazer quando voltar a lecionar 10.º ano.

Finalmente, exponho uma reflexão crítica sobre a sequência didática apresentada.

---

<sup>2</sup> É de salientar que na escola onde leciono, o trabalho colaborativo e, conseqüentemente, a partilha de materiais, acompanha as professoras do grupo disciplinar de Português.

### 5.4.1. Objetivos e conteúdos

<b>Objetivos</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o gosto pela poesia em geral, pela Lírica Camoniana e pela Antiguidade Clássica.</li> <li>- Desenvolver estratégias de leitura adequadas ao texto poético pondo em evidência a cultura clássica.</li> <li>- Melhorar técnicas de leitura intertextual.</li> <li>- Declamar poemas.</li> <li>- Aumentar o gosto e a competência de dizer poesia ou de a ler em voz alta.</li> <li>- Ampliar a sensibilidade estética, através da leitura de poesia, pinturas e imagens.</li> <li>- Recolher e tratar informação.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<b>Leitura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Poesia lírica de Camões: redondilhas e sonetos.</li> <li>- Mitos, temas e figuras da Antiguidade greco-latina.</li> <li>- Textos teóricos sobre poesia.</li> <li>- Textos informativos e críticos.</li> <li>- Intertextualidade.</li> <li>- Noções básicas de versificação.</li> <li>- Imagem/pintura.</li> </ul>
	<b>Expressão escrita</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tomada de notas.</li> <li>- Reconto.</li> <li>- Descrição de uma imagem.</li> <li>- Cronologia</li> </ul>
	<b>Compreensão e Expressão oral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escuta ativa de gravações de textos.</li> <li>- Leitura e dicção expressiva de poemas.</li> </ul>
	<b>Funcionamento da Língua</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Frase complexa (coordenação e subordinação): revisão.</li> <li>- Classes de palavras: revisão.</li> </ul>

#### 5.4.2. Aulas e materiais

##### Aula n.º 1

- Audição do mito de Orfeu – uma história emblemática do discurso lírico.
- Reconto escrito.
- Leitura de imagem: Os Lamentos de Orfeu, de Alexandre Séon .
- Descrição da imagem.

A escolha de um texto informativo, centrado na narrativa da história do mito de Orfeu para abrir este percurso, prendeu-se com o facto de este mito se constituir como um paradigma da poesia e dos poetas na tradição ocidental. Iniciei a sequência com a audição da gravação do texto seguida do reconto escrito. Enquanto ouviam o texto, solicitei aos discentes que fossem tomando notas para a posterior elaboração da tarefa, o reconto escrito do texto ouvido. Os alunos ouviram o texto, refletiram sobre ele e depois executaram a tarefa escrita. Deste modo, considero que interiorizaram bem os principais aspetos do mito. Foram lidos e comentados alguns textos e todos foram objeto de correção e devolução aos alunos para o seu aperfeiçoamento. Os estudantes reagiram muito bem, consideraram o texto interessante e revelaram curiosidade, vontade de querer saber mais. Em seguida, foi dinamizada a leitura da imagem do quadro “Os Lamentos de Orfeu”, de Alexandre Séon, dando lugar a eventos de compreensão e expressão oral.

Transmiti algumas informações sobre a biografia de **Alexandre Séon** (1855-1917). Foi estudante na Escola das Belas Artes de Lyon e depois na de Paris, estreou-se no Salon de Paris com duas telas, *A Caça* e *A Pesca*; pouco tempo depois tornou-se aluno e colaborador, durante dez anos, de Puvis de Chavannes (1824-1898). Aos vinte e nove anos ganhou o primeiro prémio do concurso do município de Courbevoie pela decoração do salão de festas da Câmara Municipal, no teto do qual representa *As Estações* (1885) num espírito antiquado e numa harmonia monocromática próxima do seu mestre. Decora igualmente, em 1892, a sala de casamentos da Câmara Municipal de Montreuil-sous-Bois, onde se revelou, em *Os Efebos* e *As Donzelas*, ainda mais próximo de Puvis. Fundador, com Sâr Péladan (de quem faz um soberbo retrato), e Antoine de La Rochefoucauld, do salão Rosa-Cruz, não deixou, no entanto de expor no Salão oficial desde 1879, e em seguida no da Sociedade Nacional de Belas Artes; revelou ser um «idealista-ideísta», como gostava de se definir, nada enlevado pela cor,



praticando um estilo puro e austero, sem artifícios nem ostentações, onde a simplicidade traduz muitas vezes a ausência de criatividade e a falta de personalidade: *Crepúsculo*, 1883, Museu de Carcassonne, *O Desespero de Quimera*, 1890, coleção particular, *A Lira de Orfeu*, 1890, Museu da Arte e da História, Saint-Étienne, *Os Lamentos de Orfeu*, 1896, Museu d'Orsay.

**Sobre a obra *Os Lamentos de Orfeu*, 1896**, óleo sobre tela, 73 x 116 em, Paris, Museu d'Orsay, na sua leitura destacaram-se os seguintes aspetos: a secura, a aridez do seu desenho, assim como a sua frigidíssima estilização aspetos que se aliam à ternura do colorido. Orfeu é representado em pose de abandono numa praia da costa quente mediterrânea (a Grécia), em pleno Estio, num dia solar, que contrasta com a sua atitude de desalento. Cobre a face, para que não se veja que chora a sua sorte. Abraça a lira, sua companheira, seu refúgio. O Sol que cai quente sobre o seu corpo e sobre a areia da praia contrasta com as nuvens ameaçadoras que se vislumbram no outro plano, no horizonte, sobre o mar.

Assim, a Cultura Clássica foi o ponto de partida para o estudo desta sequência e esteve sempre presente no âmbito de várias competências consignadas no programa de Português.

Os materiais que foram utilizados nesta aula:

- Texto informativo sobre o mito de Orfeu;
- Imagem do quadro “Os Lamentos de Orfeu”, de Alexandre Séon.

## Como Orfeu Chora Eurídice

Orfeu era filho de uma das Musas e de um príncipe da Trácia. A mãe dera-lhe o dom da música, que ele pôde desenvolver, pois cresceu entre os Trácios, o povo grego mais devotado à música. E, com exceção dos deuses, Orfeu não tinha rival na arte da música, nem na Trácia nem em qualquer outro lugar. Nada nem ninguém resistia à sua arte de cantar e de tocar. Tudo o que era animado e inanimado o seguia; fazia mover os rochedos dos montes e mudar o curso dos rios.

Pouco se sabe da vida de Orfeu antes do seu casamento com Eurídice. Conta-se que a sua música deu força aos Argonautas, amainando as ondas e livrando-os do encantamento das Sereias, cujo canto o seu ultrapassou na doçura. Desconhece-se o local onde Orfeu encontrou Eurídice pela primeira vez e como fez a corte a essa donzela que tanto amava. Casaram. A sua alegria, porém, foi breve. Logo após o casamento, quando corria por uma campina com as suas companheiras (ou, segundo outras versões, fugindo de Aristeu, que pretendia violentá-la), a jovem esposa foi mordida por uma serpente, vindo morrer pouco depois.

A dor de Orfeu foi tão pungente e desesperada que resolveu descer aos Infernos, na tentativa de recuperar Eurídice. Ousou mais do que qualquer humano jamais ousara por amor – empreendeu a temível viagem ao mundo subterrâneo. E aí, tangendo as cordas da sua lira entoou o seguinte Cântico: “Ó divindades deste mundo, onde todos nós, criaturas sujeitas à morte, viremos cair, se me for permitido, se vós permitirdes que eu diga, sem rodeios e francamente, a verdade, não é o desejo de ver sombrio Tártaro a causa da minha descida aqui, e também não é de acorrentar o monstro da raça Medusa, de três pescoços e com pele de serpente. A razão desta minha viagem é a minha esposa: uma víbora espalhou nas suas veias um veneno que interrompeu o curso dos seus anos. Quis ter força para suportar esta perda e não nego que o tentei. Mas o Amor venceu. É um deus bem conhecido lá em cima, sobre a terra, É-o também entre vós? Ignoro-o, mas suponho que sim; se o que se conta sobre o rapto de outrora não é mentira, foi o Amor que vos uniu<sup>3</sup>. Por estes lugares do medo, por este imenso Caos, por este vasto reino de silêncio, peço-vos, reatai o fio, cortado antes do tempo, do destino de Eurídice. Tudo está submetido às vossas leis e, mais cedo ou mais tarde, todos tomamos o caminho desta morada comum. Todos acabamos por vir aqui parar. Esta morada é, para nós, a

---

<sup>3</sup> Alusão ao rapto de Perséfone por Hades, deus dos Infernos, que antecedeu o casamento de ambos.

última, e sois vós quem detém o reinado mais longo sobre a espécie humana. Também ela, logo que tenha vivido a conta justa dos seus anos, chegado o momento, também ela se submeterá à vossa justiça; por tudo, peço-vos, concedei-me a alegria do meu amor. E se o destino me recusar esta graça para a minha esposa, estou absolutamente decidido a não voltar a trás; alegrai-vos então com a nossa dupla morte.”

Enquanto ele assim falava, fazendo ressoar as cordas da lira ao ritmo das palavras, as almas exangues, choravam. Tântalo desistiu de tentar chegar à água que foge, a roda de Ixíon parou, as aves deixaram de comer o fígado da sua vítima e até Sísifo se sentou sobre o seu rochedo. Pela primeira vez, dizem, as lágrimas molharam as faces das Euménides, vencidas pelo canto. Nem a real esposa nem o deus que reina nos Infernos foram capazes de se opor a tais súplicas: chamam Eurídice e entregam-na a Orfeu. Mas impõem uma condição: antes de alcançar a luz, Orfeu não se voltará para ver a esposa, que seguirá atrás dele.

Os dois encaminham-se, através de um silêncio que nenhuma voz perturba, pelas encostas de um caminho abrupto, escuro, mergulhando num doce nevoeiro. Já não estavam longe de pisar a superfície da terra, quando uma dúvida assalta o espírito de Orfeu: Perséfone não o teria enganado? De imediato, volta-se para trás, vendo Eurídice desaparecer e morrer pela segunda vez. Em vão tenta correr atrás dela. Caronte está agora inflexível e é-lhe recusada a entrada no mundo subterrâneo: os deuses não consentiam que entrasse duas vezes no reino dos mortos, enquanto estivesse vivo. Durante sete dias ficou sentado na margem do rio infernal, tendo como único alimento a sua pena, a sua dor, as suas lágrimas. Retirou-se, depois, para o cume do Ródope e vagueou, só, pelos lugares ermos e selvagens da Trácia, sem outro conforto além da sua lira, que continuava a tocar, a tocar sempre; e os seus únicos companheiros, os rochedos, os rios e as árvores, escutavam-no deleitados.

Sobre a sua morte, há várias versões: uma delas conta que as mulheres da Trácia ou as Ménades, que o odiavam pela sua fidelidade à memória de Eurídice, foram ao seu encontro para o matarem e despedaçaram-no, atirando a cabeça para o veloz rio Hebro, que a levou corrente abaixo, até à foz e, daí, até às praias de Lesbos. As Musas recolheram-na, ainda perfeitamente intacta, apesar da força corrosiva das águas, e enterraram-na no santuário da ilha. Reuniram os membros e colocaram-nos num túmulo, no sopé do monte Olimpo. Ainda hoje os trinados dos rouxinóis são mais melódiosos do que em qualquer outro lugar.

Texto construído pelas autoras da *Antologia*, a partir das seguintes fontes: Pierre Grimal, Dicionário de Mitologia Grega e Romana, Lisboa, Difel, 1992; Edith Hamilton, *A Mitologia*, 2.ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1979; O, *Les metamorfoses*, Paris, Gaenier, 1966

Garrido, Ana; Duarte, Cristina; Rodrigues, Fátima; Afonso, Fernanda; Lemos, Lúcia (2007). *Antologia Português 10.º Ensino Secundário*. Lisboa Editora, Lisboa.



*Os Lamentos de Orfeu*, de Alexandre Séon

[http://www.google.pt/search?q=os+lamentos+de+orfeu&hl=pt-PT&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=r3mJUeD1NMev7Aag34DwCw&sqi=2&ved=0CAcQ\\_AUoAQ&biw=1012&bih=476#imgre=GhsRpc\\_NdPqxiM%3A%3BwejfFDPWjT2hFM%3Bhttp%253A%252F%252F4.bp.blogspot.com%252F\\_jM\\_aAJQ7jwg%252F5SJJWPgplqPI%252FAAAAAAAAAAP4%252FoI3N\\_vJeXPE%252Fs400%252Faseon-orpheus2-2.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fmarciliomedeiros.blogspot.com%252F2008\\_07\\_27\\_archive.html%3B400%3B252](http://www.google.pt/search?q=os+lamentos+de+orfeu&hl=pt-PT&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=r3mJUeD1NMev7Aag34DwCw&sqi=2&ved=0CAcQ_AUoAQ&biw=1012&bih=476#imgre=GhsRpc_NdPqxiM%3A%3BwejfFDPWjT2hFM%3Bhttp%253A%252F%252F4.bp.blogspot.com%252F_jM_aAJQ7jwg%252F5SJJWPgplqPI%252FAAAAAAAAAAP4%252FoI3N_vJeXPE%252Fs400%252Faseon-orpheus2-2.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fmarciliomedeiros.blogspot.com%252F2008_07_27_archive.html%3B400%3B252)

## Aula n.º 2

- Contextualização: leitura funcional<sup>4</sup> dos textos “Renascimento – um tempo e uma arte de mudança” e “Imitar os clássicos, imitar a Natureza” – pp. 214 e 215 do manual.
- Sistematização: visualização de uma apresentação eletrónica sobre a contextualização do séc. XVI.
- Leitura funcional do texto “Luís de Camões – a vida e a obra”- p. 212 do manual: sublinhado das informações mais importantes.
- Quadro conceptual: elaboração de uma cronologia a partir do texto lido (p. 212 do manual).
- Resolução de um teste de compreensão oral.

Na segunda aula, passei à contextualização do Renascimento através da leitura funcional de textos do manual. Também neste momento a cultura greco-latina esteve em relevo, desde logo, na caracterização deste movimento cultural, destacando a valorização e a imitação da Antiguidade Clássica. Depois, através de uma apresentação eletrónica, procedi à sistematização dos aspetos fundamentais da contextualização, destacando os valores do Humanismo e a estética do Classicismo, voltando, assim, ao universo da Cultura Clássica.

Chegou então o momento de abordar a vida e obra de Camões. Utilizei novamente a leitura funcional dos textos do manual, pois parece-me importante rentabilizar este recurso que os alunos adquiriram, utilizando-o no seu percurso de aprendizagem. Articulei com o texto uma cronologia, para assim destacar elementos que considere relevantes, evitando enveredar por um trajeto “fantasioso” (cf. *supra* p. 24).

Em seguida, integrei o teste de compreensão oral que permitiu o cumprimento de um dos parâmetros dos critérios de avaliação respeitante à realização de um teste de compreensão oral por período. Este teste foi concebido de forma a levar os alunos a refletir, entre outros aspetos, sobre o conhecimento que Camões teria da Cultura Clássica. Por isso foram integrados três itens relativos a este aspeto (1.4, 1.5 e 1.6). Assim, foram dinamizadas três atividades (audição de uma gravação de um texto informativo sobre a biografia de Camões, da autoria de Amélia Pinto Pais, realização do teste de compreensão oral e respetiva correção) que foram ao encontro da sensibilização

---

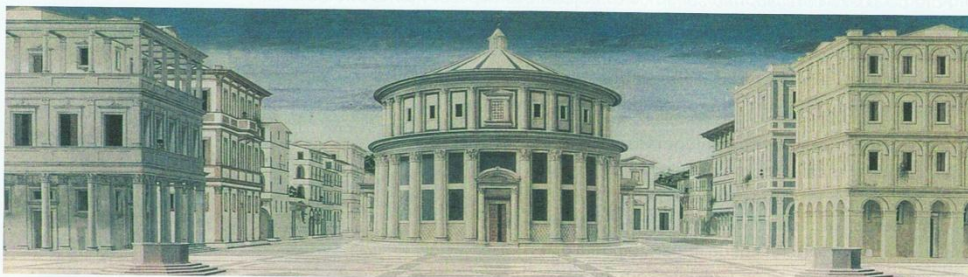
<sup>4</sup> “**leitura funcional** – pesquisa de dados e informações para solucionar um problema específico. Programa de Português p. 24.

para o conhecimento que Camões teria dos autores clássicos, ou seja, da cultura e literatura greco-latinas.

Os materiais que foram utilizados nesta aula:

- Textos sobre o Renascimento, pp. 214 e 215 do manual;
- Apresentação eletrónica sobre a contextualização do sé. XVI;
- Texto sobre a vida e obra de Luís de Camões, p. 212 do manual;
- Reprodução do texto gravado sobre a apresentação do autor para a realização do teste de compreensão oral;
- Teste de compreensão oral.

## Renascimento um tempo e uma arte de mudança



| A *Cidade Ideal*, segundo o pintor Piero della Francesca



| *Eleonor de Toledo*, mulher de Cosimo I de Médicis, pintado por Branzino; em baixo: *Retrato do Imperador Carlos V*, pintado por Ticiano

O Renascimento é tão complexo e de gestação e desenvolvimento tão prolongados que é difícil caracterizá-lo e limitá-lo no tempo e no espaço. No entanto, poderemos defini-lo, genericamente, como um movimento cultural que, articulado com factores sociais, económicos, políticos e religiosos, criou uma profunda **dinâmica de mudança** na Europa dos séculos XV e XVI.

Embora no final da Idade Média se assista, em alguns centros intelectuais europeus, a sinais de mudança, o berço do Renascimento é a **Itália do século XV**, mais precisamente cidades como Génova, Veneza e sobretudo Florença que, enriquecidas pelo comércio, geraram uma extraordinária elite de políticos e intelectuais responsáveis pelo movimento de renovação da cultura. O caso de Florença é exemplar pois, ao longo do século XV, a família Médicis, que governou a cidade, constitui-se como mecenas de inúmeros artistas, o que propiciou o enorme desenvolvimento das artes e das letras. No século XVI, membros desta família dominaram o papado e Roma tornou-se então o novo centro de irradiação do Renascimento.

Da Itália (e também da Flandres, outro importante centro de comércio e desenvolvimento artístico), o movimento expandiu-se por toda a Europa e atingiu o seu ponto culminante nas primeiras décadas do século XVI. Num tempo de cortes luxuosas, de poder centralizado, e de estados poderosos, os reis e os papas rodearam-se de artistas que lhes construíram palácios e igrejas que depois encheram de pinturas e esculturas, frequentemente contendo o próprio retrato do patrono ou de elementos da sua família. Nobres, altos dignitários da Igreja e até ricos comerciantes, desejosos de notoriedade, passaram a investir na arte e a moda do **mecenato** alastrou a cortes e centros urbanos desenvolvidos, dos mais diversos países.

Os artistas e os intelectuais de então estabeleceram uma autêntica rede de contactos internacionais, através das viagens e da troca de correspondência, o que conferiu ao Renascimento um carácter, se não universalista, pelo menos europeu.

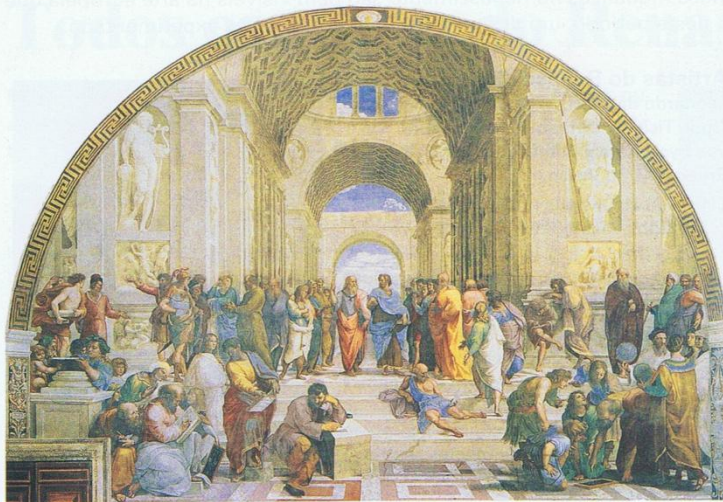
### Condensar / Relacionar

#### VERBETE DE ENCICLOPÉDIA

Depois de leres o texto "*Renascimento – um tempo e uma arte de mudança*", elabora um texto informativo de 60 a 80 palavras, que pudesse figurar como **verbeta da Wikipédia**, sob o título: "Renascimento".

Nota: o texto deve integrar as seguintes palavras: *Renascimento, Itália, mudança, mecenato, movimento cultural, Europa*.

## Imitar os clássicos, imitar a Natureza



| A *Escola de Atenas*, pintura de Rafael. Neste fresco, pintado no Vaticano, estão representados os grandes filósofos gregos – Heraclito e Pitágoras, entre outros; ao centro, Platão (com o rosto de Leonardo Da Vinci) e Aristóteles.

Um dos principais vectores do Renascimento, e daí o seu nome, é a valorização e mesmo a imitação da antiguidade clássica greco-romana. Na Península Itálica, a presença das marcas arquitectónicas e artísticas do Império romano nunca deixou de se sentir e aqui e além, no final da Idade Média, inspirou mesmo alguns arquitectos. Por outro lado, em 1453, com a queda de Constantinopla tomada pelos turcos, muitos helenistas fugiram para Itália, onde contribuíram para o interesse pela cultura grega, sobretudo traduzindo obras dos clássicos gregos. A filosofia de Aristóteles, muito influente na Idade Média, foi reapreciada, mas foi sobretudo Platão o filósofo estudado pelos renascentistas, pois, através dele, foi possível fazer uma síntese entre o pensamento clássico pagão e o cristianismo.

Deste modo, os autores e as obras greco-romanas passaram a funcionar como modelos a seguir, porque correspondiam àquilo que o pensamento renascentista mais apreciava: o equilíbrio, a harmonia, o respeito pela proporção, o realismo naturalista. O lema passou a ser “imitar os clássicos, imitar a natureza”, paradigmas da regularidade, da harmonia e da serenidade, e a razão constituiu-se como elemento essencial na criação artística. Os arquitectos, os escultores e os pintores estudavam as proporções da natureza, sobretudo as proporções do corpo humano e faziam cálculos matemáticos e geométricos com o objectivo de criar obras parecidas com a realidade, semelhantes às da natureza.

A arte renascentista é, pois, naturalista. Artistas como Leonardo da Vinci ou Miguel Ângelo estudaram o volume e até a anatomia e, por isso, os homens e os animais que pintaram e esculpiram parecem de carne e osso. Considerando que, na arte, é essencial a representação das três dimensões do real, o que implica uma ordenação racional e lógica dos elementos no espaço, os pintores inventaram a perspectiva, um artifício geométrico que cria a ilusão da tridimensionalidade.

A mitologia clássica passou a ser utilizada como alegoria ou como tema, a par das cenas bíblicas, mas o que importa salientar é a humanização das figuras religiosas. O retrato, normalmente enquadrado na natureza, e o nu são temas recorrentes na arte renascentista.

**“É com o cérebro  
que se pinta,  
não com as mãos.”**

Miguel Ângelo



| O *David* de Miguel Ângelo evoca a escultura helénica.



# CONTEXTUALIZAÇÃO

## Século XVI

Eugénia Pardal

## CONTEXTUALIZAÇÃO - Século XVI

### 1-Aspectos Históricos

- Vida de Camões: 1524 / 25? a 1580
  - Reis de Portugal
  - D. João III
  - D. Sebastião
  - D. Henrique
- Camões assiste ao “Fim” dos Descobrimentos

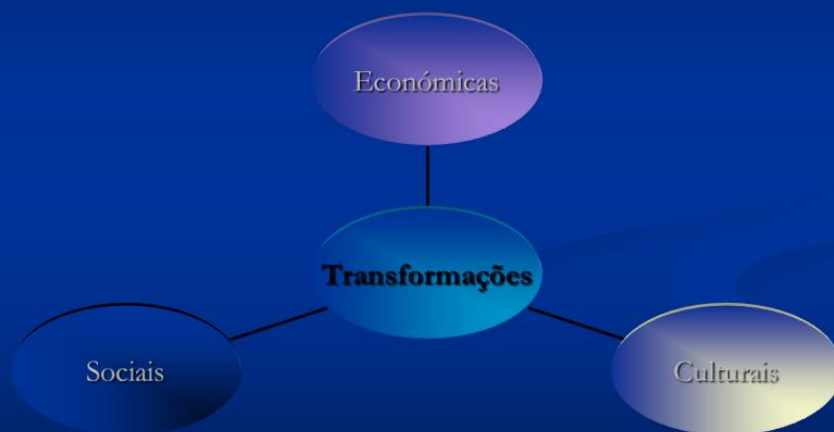
Eugénia Pardal

# CONTEXTUALIZAÇÃO - Século XVI



Eugénia Pardal

# DESCOBRIMENTOS



Eugénia Pardal

# Descobrimentos

## Transformações

Económicas – Sociais – Culturais

- Comércio em larga escala
- Abundância da moeda
- Monopólio da coroa
- Lisboa – centro comercial / político
- Decadência da agricultura

Eugénia Pardal

# Descobrimentos

## Transformações

Económicas – Sociais – Culturais

- Desenvolvimento da burguesia
- Oposição burguesia / nobreza
- Emigração
  - Cidades
  - Ultramar
- Luxo / desmoralização

Eugénia Pardal

# Descobrimientos

## Transformações

Económicas – Sociais – Culturais

- Desenvolvimento cultural da burguesia
- Aumento de estudantes portugueses no estrangeiro
- Literatura sobre temas ultramarinos

Eugénia Pardal

# Descobrimientos

Desproporção entre a escassez de recursos humanos e a vastidão geográfica das terras descobertas

Sucessão de naufrágios

Derrota nos campos de Alcácer Quibir – 4-Ago-1578



## QUEDA DO IMPÉRIO

Eugénia Pardal

## CONTEXTUALIZAÇÃO - Século XVI

Camões nasce  surge a Inquisição

Tempo biográfico de Camões corresponde à trajetória da Decadência Portuguesa



culmina com a perda da Independência 1580

Eugénia Pardal

## CONTEXTUALIZAÇÃO - Século XVI

1-Aspectos Históricos

2-Aspectos Culturais

### 2-Aspectos Culturais

- Renascimento
  - Humanismo
  - Classicismo

Movimento ideológico e cultural  
que assenta no interesse pela

CULTURA da  
ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Eugénia Pardal

# Humanismo

## Atitude filosófica

- Exaltação dos valores do HOMEM (individualismo) = CENTRO DO MUNDO
- CULTO da ANTIGUIDADE nos seus múltiplos aspectos: Literatura, Arte, História, Ciência e Filosofia
- Defesa de uma EDUCAÇÃO INTEGRAL que desenvolva o RACIOCÍNIO
- Estudo directo dos textos - GOSTO PELO SABER

O homem é a medida de todas as coisas

Eugénia Pardal

# Classicismo

Estética literária que propõe a sujeição às regras dos  
MODELOS GRECO-LATINOS

- Elegância formal
- Correção
- Sobriedade
- Proporção
- Objectividade

### Concretização dos Ideais do Renascimento

- Confiança no Homem
- Conciliação Homem / Natureza
- Harmonia e Ordem

Eugénia Pardal

### Luís de Camões – a vida e a obra



Não se sabe ao certo quando nasceu Luís Vaz de Camões. Pensa-se que por volta de 1525, possivelmente em Lisboa, filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá. Admite-se que tenha estudado em Coimbra, pois a vasta cultura evidenciada na sua obra só se justifica se tiver frequentado estudos superiores que apenas existiam naquela cidade. No entanto, não se encontrou, até hoje, qualquer documento comprovativo da sua passagem pela universidade.

Presume-se que era fidalgo da pequena nobreza ("Cavaleiro Fidalgo" da Casa Real diz a Carta de perdão de 1553), o que lhe terá dado acesso à corte, enquanto viveu em Lisboa. Sabe-se que, entre 1549 e 1551, participou numa expedição militar ao Norte de África onde, num acidente de guerra, perdeu o olho direito. Em 1552, encontra-se novamente em Lisboa e, se por um lado, frequenta o paço onde se relaciona com a fidalguia da época e com algumas das principais damas da corte, por outro, vive uma vida boémia, com brigões e damas "de aluguer".

Em 1552, numa briga, fere um arrieiro do Rei, Gonçalo Borges, pelo que é preso na Cadeia do Tronco, onde permanece até Março de 1553. Após ter sido perdoado pelo ferido, o poeta é libertado e pede ao Rei o seu perdão, na sequência do qual se pode justificar a sua partida para a Índia, ao serviço do Rei, nesse mesmo ano de 1553.

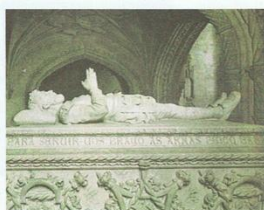
Durante três anos, prestou serviço militar na Índia e posteriormente desempenhou cargos administrativos. Apesar da protecção e amizade do vice-rei, D. Francisco Coutinho, esteve preso por dívidas. Parece também ter estado em Macau e, no regresso à Índia, sofreu um naufrágio, no qual perdeu todos os bens, salvando-se, a nado, com o manuscrito de *Os Lusíadas*, como revela na estrofe 128, Canto X. Em 1568, ajudado pelo capitão Pero Barreto Rolim, parte para Moçambique, onde vários amigos o vêm encontrar na miséria e lhe pagam a viagem de regresso a Portugal. Chega a Lisboa em Abril de 1570.

Prepara, então, a publicação de *Os Lusíadas*, poema épico dedicado ao Rei D. Sebastião, que lhe concede uma tença anual de 15 000 reais brancos, que nem sempre lhe foi paga com regularidade. Em 1572, *Os Lusíadas* são publicados. Para além desta obra, Camões é autor de uma vasta obra lírica que foi escrevendo ao longo da sua vida e de que ressaltam os sonetos, as canções, as redondilhas. Escreveu também três comédias – *El Rei Seleuco*, *Filodemo* e *Anfitriões*.

Os seus últimos anos de vida em Portugal ficaram, na tradição, como anos de miséria. Morreu no dia 10 de Junho de 1580 – no mesmo ano em que Portugal perdeu a independência – e foi enterrado no Convento de Sant'Ana, onde o amigo D. Gonçalo Coutinho lhe mandou reservar uma sepultura, em cuja lápide inscreveu:

"Aqui jaz Luís Vaz de Camões, príncipe dos poetas do seu tempo.  
Viveu pobre e miseravelmente e assim morreu."

No dia 10 de Junho de 1880, ano em que se comemorou, com pompa, o terceiro centenário da sua morte e se lhe ergueu uma estátua em Lisboa, os seus restos mortais foram trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos, onde o seu túmulo se encontra em frente ao de Vasco da Gama, o herói que imortalizou n' *Os Lusíadas*.



Túmulo de Camões no Mosteiro dos Jerónimos

### Luís Vaz de Camões – Cronologia

<u>DATAS</u>	<u>ACONTECIMENTOS IMPORTANTES</u>
<b>1525 (?)</b>	_____ nasce em _____ (?).
<b>Entre 1549 e 1551</b>	Participa numa expedição militar ao _____ (Ceuta), onde _____.
<b>1552</b>	Regressa a _____, onde convive com _____. Em consequência duma briga, _____.
<b>1553</b>	Perdoado pelo _____, parte para a _____.
_____	Prestou serviço militar na Índia. Terá estado em _____. No regresso à _____, sofre um _____, mas consegue salvar-se a nado, salvando também _____.
<b>1568</b>	Parte para _____, onde vive _____.
_____	Chega a Portugal.
<b>1572</b>	O Rei _____ concede-lhe uma _____ de 15 mil reais brancos. _____ são publicados.
_____	Morre pobre este grande génio português.
_____	Os seus restos mortais são transladados para o Mosteiro dos Jerónimos.

*Eugénia Pardal*

Correção:

### Luís Vaz de Camões – Cronologia

<u>DATAS</u>	<u>ACONTECIMENTOS IMPORTANTES</u>
<b>1525 (?)</b>	<u>Luís Vaz de Camões</u> nasce em <u>Lisboa</u> (?).
<b>Entre 1549 e 1551</b>	Participa numa expedição militar ao <u>Norte de África</u> (Ceuta), onde <u>perdeu o olho direito</u> .
<b>1552</b>	Regressa a <u>Lisboa</u> , onde convive <u>com a fidalguia da época</u> . Em consequência duma briga, <u>é preso</u> .
<b>1553</b>	Perdoado pelo <u>Rei</u> , parte para a <u>Índia</u> .
<b><u>1553 a 1556</u></b>	Prestou serviço militar na Índia. Terá estado em <u>Macau</u> . No regresso à <u>Índia</u> , sofre um <u>naufrágio</u> , mas consegue salvar-se a nado, salvando também <u>Os Lusíadas</u> .
<b>1568</b>	Parte para <u>Mocambique</u> , onde vive <u>miseravelmente</u> .
<b><u>1570</u></b>	Chega a Portugal.
<b>1572</b>	O Rei <u>D. Sebastião</u> concede-lhe uma <u>tença anual</u> de 15 mil reais brancos. <u>Os Lusíada</u> são publicados.
<b><u>1580</u></b> <b><u>10 de Junho</u></b>	Morre pobre este grande génio português.
<b><u>1880</u></b> <b><u>10 de Junho</u></b>	Os seus restos mortais são transladados para o Mosteiro dos Jerónimos.

*Eugénia Pardal*



Texto gravado

APRESENTAÇÃO DO AUTOR para a realização do teste de compreensão oral

### Luís Vaz de Camões

O meu nome é **Luís Vaz de Camões** e vivi em Portugal no século XVI. Aqueles que mais tarde viriam a ocupar-se da minha vida (os meus biógrafos) viram-se em sérios embaraços para sabê-lo, visto que não conseguiram obter documentos seguros a meu respeito.

De qualquer modo, vou, para que a minha apresentação seja mais completa, dizer-vos que nasci em Portugal, em Lisboa, por volta de 1524.

A minha família era pobre e pobre vivi sempre. No entanto, e porque, mesmo pobre, a minha família pertencia à nobreza, pude ser educado no contacto com os clássicos gregos e latinos, e conhecer toda a literatura e civilização desses dois povos. Li, nomeadamente, os livros que considero os mais importantes do mundo: os poemas de **Homero** sobre a Guerra de Troia - *A Ilíada* - e sobre as aventuras do sábio Ulisses - *A Odisseia* - e o poema de **Virgílio**, narrando as navegações de Eneias - *A Eneida*. Aprendi também muitas lendas ligadas aos Gregos e Romanos, como a lenda dos Argonautas, navegadores que procuravam encontrar o velo de ouro. E fiquei a saber a mitologia dos Gregos e Romanos e, portanto, as histórias dos seus deuses e deusas. Gostei também de ler coisas relacionadas com o Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, bem como sobre Carlos Magno e os Doze Pares de França. Pude conhecer igualmente outros livros e autores estrangeiros muito admirados e lidos no meu tempo, como **Ariosto** e **Petrarca** e gostei particularmente dos sonetos deste último.

Para além da leitura, ocupava eu o meu tempo em distrações próprias de jovens, como namorar as cachopas bem lindas do meu tempo, em Coimbra, segundo dizem, e, mais tarde, em Lisboa. Os meus biógrafos haveriam de inventar-me muitas namoradas, nomeadamente entre as donzelas e damas da Corte e mesmo amores por princesas. Não sou eu quem vos dirá se é verdade ou mentira tudo quanto pensaram descobrir porque, aqui para nós, até fico vaidoso de saber de tantos namoros... A verdade é que nem sempre fui muito bem comportado e vi-me envolvido em brigas. É que eu era bom espadachim e ai de quem se metesse comigo!... Estive preso por diversas ocasiões, nomeadamente em Constância - dizem os habitantes dessa linda terra junto ao Tejo. Mas também sobre isso não há certezas e eu, mesmo que me lembrasse, não iria desapontá-los.

Frequentei também os serões da Corte e fiz muitos versos às damas; mais tarde seriam publicados com o título de *Lírica*. Ganhei fama, adeptos (sobretudo entre as damas) e inimigos, gente invejosa do meu êxito e do meu talento de poeta lírico.

A determinada altura fui para soldado, profissão própria de nobres, e fui combater os Mouros para o Norte de África, zona em que o meu Rei queria obter territórios. A vida na tropa não foi nada boa, porque mesmo quando a guerra é justa - e eu até achava as guerras contra os Mouros justas e santas, pois acreditava serem boas para o meu Rei e para poder levar-se a verdadeira religião a África e ao Oriente, - o perigo é grande de morrer jovem ou de ser ferido. E foi isso mesmo que sucedeu: fui ferido em combate e perdi para sempre um dos meus olhos. (...).

Tempos depois, fui enviado para a Índia, dizem alguns que como castigo por mau comportamento, outros que por vingança de algum rival por mim vencido nos amores ou nas brigas. Não me ralei. A verdade é que senti um enorme prazer em poder repetir a viagem que tantos portugueses já tinham feito antes e que Vasco da Gama, para mim o mais importante herói de Portugal, fizera pela primeira vez em 1498.

Gostei de conhecer a costa africana, o Oceano Atlântico e também o Índico e de ir prestar serviço para Goa, capital do Império Português do Oriente. (...) Tal como tinha acontecido em Lisboa, também por estas bandas me não faltaram inimigos ... e, a certa altura, fui enviado para Macau, com um cargo oficial. Gostei de estar nesse território chinês ocupado por portugueses. Diz a lenda que em Macau escrevi os meus *Lusíadas* numa gruta adequada ao trabalho de fazer poesia ... Acusaram-me de fraudes. Estava inocente, mas tive de regressar a Goa, em cuja prisão passei dias amargos ... Por sinal, da minha estadia na prisão existe um retrato.

No Oriente fui igualmente vítima de um naufrágio em que quase perdi a vida no qual salvei a custo *Os Lusíadas*...

Regressei algum tempo depois a Portugal e à minha Lisboa. Ao contrário de tantos que na Índia fizeram fortuna rápida, regressei mais pobre do que quando tinha saído. Tanto, que só tive dinheiro para pagar a viagem até à ilha de Moçambique. Por lá fiquei, até que amigos que vinham da Índia me pagaram o resto da viagem.

Em Lisboa aguardava-me, ansiosa, a minha querida mãe, uma das muitas que tinham visto partir os filhos com amargura e medo de os não voltar a ver, como conto no meu livro *Os Lusíadas*. Vinha fraco, pobre e doente. (...)

Pedi audiência ao Rei, um jovem simpático que prometia ser valente - D. Sebastião - e pedi-lhe que me permitisse ler-lhe o meu poema - que aliás lhe dedicava. Se ele aceitasse ouvir-me, haveria de ver que era muito mais importante ser rei dos Portugueses do que ser rei do Mundo.

O Rei aceitou ouvir-me longamente e os seus olhos brilhavam de entusiasmo ao ouvir a história do povo lusíada, ou

português, bem mais importante que as muitas histórias dos antigos, já cantadas por Homero e Virgílio. Após a leitura, agradeceu-me e prometeu pagar-me uma pensão razoável até ao fim dos meus dias. Nem sempre a pensão chegou, porque os reis são bem mais rápidos a prometer do que a cumprir algumas das suas promessas ... Também é certo que o jovem rei estava envolvido na preparação de uma expedição militar a Marrocos (mal ele sabia que aí haveria de perder a vida...). e essas coisas de guerras exigem muito dinheiro...

Seja como for, e isso é que importa, o meu livro foi publicado em 1572 e com tanto êxito, que logo nesse ano houve uma segunda edição. É bom que eu diga aos meus jovens leitores do século XX que, nessa altura, pouca gente sabia ler.

O livro não me trouxe riqueza, nem melhorou o meu nível de vida. (...)

Acabei por morrer num dia 10 de Junho, em 1579 (ou 1580, essa data triste em que Portugal perdeu a independência que só 60 anos depois haveria de recuperar). Nem dinheiro havia para me fazerem o funeral e foi esse amigo, de nome O. Gonçalo Coutinho, que o pagou e fez colocar junto à minha campa uma inscrição que dizia:

*Aqui jaz Luís Vaz de Camões  
Príncipe dos poetas do seu tempo.  
Viveu pobre e miseravelmente  
Assim morreu.*

De mim ficaram os meus versos, as composições líricas, em que trato de assuntos sentimentais, emotivos; algumas peças de teatro - *H-rei Seleuco, Anfiriões, Filodemo*. Mas a minha melhor e mais conhecida obra é, de facto, *Os Lusíadas*.

Já chega de tanto falar de mim. Afinal, se hoje sou conhecido em todo o Mundo, tal se deve aos meus poemas e não à minha vida como pessoa. E, se a vida me não correu muito bem, depois da minha morte tornaram-me o símbolo da nossa pátria e daquilo que há de melhor no povo português. Tanto que, mais tarde, transferiram o que restava do meu corpo para o Mosteiro dos Jerónimos, para um túmulo junto ao de Vasco da Gama, onde hoje sou visitado por muitos portugueses e estrangeiros, que me põem umas flores de vez em quando. Muitos desses visitantes, se calhar, nunca me leram, mas ouvem falar de mim como um dos grandes poetas da humanidade e como símbolo da nossa pátria.

Por isso, a data da minha morte, 10 de Junho, é assinalada como dia feriado: o Dia de Portugal. (...)

Amélia Pinto Pais (adapt.), *Os Lusíadas em Prosa*, 1.ª ed., Areal Ed., 1995 (texto com supressões)

Costa, F.; Magalhães, O. (2012). *Com Todas as Letras* Porto: Porto Editora

**ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES**

PORTUGUÊS

10.º ano

2º Período 2012/2013

TESTE DE COMPREENSÃO ORAL – LUÍS VAZ DE CAMÕES – APRESENTAÇÃO DO AUTOR DE AMÉLIA PINTO

PAIS

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

Professor: \_\_\_\_\_ Avaliação: \_\_\_\_\_

Depois de escutares com atenção o texto *Luís Vaz de Camões – apresentação do autor* de Amélia Pinto Pais, responde ao questionário que se segue:

1. Assinala com **F** (Falsa) **V** (Verdadeira) **PF** (Parcialmente falsa) as afirmações apresentadas.

	<b>F</b>	<b>V</b>	<b>PF</b>
1.1. Luís Vaz de Camões viveu em Portugal no século XVII	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.2. Os biógrafos de Camões não tiveram dificuldades em fazer a sua biografia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.3. A família de Camões era pobre, mas pertencia à nobreza.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.4. Na sua formação, Camões teve contacto com os clássicos gregos e latinos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.5. Camões leu a <i>Ilíada</i> , a <i>Odisseia</i> e a <i>Eneida</i> de Homero.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.6. Camões apenas conheceu a cultura e literatura dos Gregos e dos Romanos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.7. Camões namorou muitas mulheres: donzelas, damas de corte e até princesas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.8. A verdade é que nem sempre foi muito bem comportado, mas não se envolvia em brigas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.9. Diz-se que Camões esteve preso em Constância.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.10. Os seus versos amorosos são composições líricas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.11. Camões teve fama e êxito entre a gente do seu tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.12. Camões nunca chegou a combater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.13. A profissão de soldado não era apropriada aos nobres.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.14. Segundo a lenda, Camões escreveu <i>Os Lusíadas</i> em Macau.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**FIM**

**BOM TRABALHO!**  
*Eugénia Pardal*

### Aula n.º 3

- Audição da cantiga *Descalça vai pera a fonte* de Luís de Camões - Música original e vídeo com desenhos de José M. Silva:  
<http://www.youtube.com/watch?v=wHzqI30d3Ng>.
- Leitura analítica e crítica<sup>5</sup> da cantiga *Descalça vai pera a fonte*.
- Preenchimento da ficha de registo/interpretação do texto.
- Escansão de versos.
- Identificação da medida velha, redondilha e rima – (leitura do documento de apoio / ficha informativa - p. 222 do manual).
- Leitura da texto *Como ler poesia* (p. 222 do manual).
- Leitura expressiva / declamação do poema.

Na terceira aula, iniciei a leitura crítica e analítica dos textos camonianos selecionados em grupo disciplinar. O primeiro texto objeto de análise foi a cantiga *Descalça vai pera a fonte*.

O primeiro contacto com a poesia camoniana foi proporcionado através da audição da cantiga, numa versão musicada por José M. Silva, acompanhada de uma sucessão de desenhos caracterizadores de Lianor: no primeiro vemos uma figura feminina que transporta um pote na mão e se desloca; depois, o pote passa a estar na cabeça e os desenhos seguintes representam rostos femininos que acompanham as referências à formosura.

Após a audição procedeu-se à partilha de reações suscitadas pela música (o texto é cantado com acompanhamento à viola) e imagens, preparando, assim, a análise do texto.

Elaborei uma ficha de registo de dados da análise que acompanhou e apoiou os alunos ao longo da interpretação do poema<sup>6</sup>. O seu preenchimento iniciou-se com o registo do assunto, depois da audição da gravação e da visualização das imagens.

A articulação com a Cultura Clássica foi feita em dois momentos distintos e teve em conta a semântica de fonte clássica, com a exploração do verso “vai fermosa, e não segura” (cf. *supra* p. 23) e a identificação da conceção de mulher (petrarquismo) e da conceção de amor (neoplatonismo). A análise de texto levada a cabo teve duas

---

<sup>5</sup> “**leitura analítica e crítica** – construção pormenorizada da significação do texto, visando a capacidade de análises críticas autónomas” – Programa de Português p. 24.

<sup>6</sup> Apresento a ficha de registo de dados da análise, em branco. Esta foi distribuída aos alunos. Logo de seguida surge um segundo exemplar preenchido com os elementos da análise. Por isso, na descrição das aulas em que este recurso foi utilizado, não referi exaustivamente os conteúdos literários e linguísticos abordados, para não criar um efeito desagradável de repetição.

vertentes: de conteúdo temático e estilística, sendo que a segunda foi sempre colocada ao serviço da primeira, como se pode ver pelos registos na ficha.

Em seguida, promovi a análise formal do texto, partindo da leitura da informação sobre a redondilha presente na página 222 do manual que, depois de concluída, também se registou na ficha.

O preenchimento da ficha finalizou-se com a identificação do tema da composição, porque só depois da análise do texto é que o aluno se encontra em condições de escolher a palavra ou expressão que encerra o tema.

Para concretizar o objetivo - **Promover o gosto pela poesia em geral e pela Lírica Camoniana em particular e pela Antiguidade Clássica** - decidi que levaria os alunos a desfrutar dos textos através da declamação dos poemas. Assim, foi importante refletirmos acerca da forma como se deve ler poesia e, para tal, voltei aos materiais do manual (p. 222), com a leitura e comentário de um célebre texto de Sophia de Mello Breyner Andresen intitulado “Como ler poesia”.

A partir deste texto foram destacadas pelos alunos as ideias chave, os conselhos e estratégias de trabalho que a poetisa apresenta, ou seja, fez-se um comentário sobre as reflexões de Sophia de Mello Breyner. Seguidamente alguns alunos selecionaram a reflexão que consideraram particularmente interessante e justificaram a escolha.

A declamação foi levada a cabo, ao longo da sequência, com vários textos estudados e verifiquei que pouco a pouco esta atividade foi cativando os alunos. Esta atividade teve sempre lugar após a compreensão semântica do texto, porque só nesse momento é que o aluno é detentor das ideias chave do texto, podendo dar-lhe a interpretação e entoação correta. Um poema só será bem lido depois de compreendido.

Finalmente, é de salientar que fui integrando aspetos da Antiguidade Clássica na análise e no tratamento dos textos camonianos, procurando, assim, promover o gosto pela Cultura Clássica.

As fichas de registo / interpretação surgem também associadas a outros textos porque de facto considero-as funcionais e úteis. Quer as fichas, quer as estratégias de motivação (músicas e imagens) tornaram o estudo da Lírica Camoniana agradável para os alunos que se mostraram sempre empenhados.

Os materiais que foram utilizados nesta aula:

- Ficha de registo dos dados da análise do texto;
- Ficha de registo preenchida com os elementos que foram sendo explorados e fixados ao longo da aula;
- Página 222 do manual com o texto de Sophia de Mello Breyner Andresen e texto informativo sobre a redondilha.

Assunto:

A descrição de Lianor assemelha-se a uma aguarela. Regista os elementos essenciais:

	RETRATO FÍSICO	RECURSOS ESTILÍSTICOS	RETRATO PSICOLÓGICO	RECURSOS ESTILÍSTICOS
I N D U M E N T Á R I A				



*Cores predominantes*

PRESENÇA	SIGNIFICADO
_____ ⇒	_____
_____ ⇒	_____
_____ ⇒	_____
_____ ⇒	_____



*Conceção de Mulher:*

• \_\_\_\_\_



*Conceção de Amor:*

• \_\_\_\_\_



Forma:

Tema:

*CA.MÕES – Descalça vai pera a fonte*

Assunto:

O Poeta traça o retrato de uma figura feminina que, indo buscar água à fonte, corre o risco de que alguém se apaixone por ela, por ser tão formosa.

A descrição de Lianor assemelha-se a uma aguarela. Regista os elementos essenciais:

RETRATO FÍSICO	RECURSOS ESTILÍSTICOS	RETRATO PSICOLÓGICO	RECURSOS ESTILÍSTICOS
<p>I N D U M E N T Á R I A</p> <p>“Na cabeça o pote” “O teste nas mãos de prata” “Cinta de fina escarlata” “Sainho de chamalote” “Traz a vasquinha de cote”</p> <p>“fermosa” “mãos de prata” “Cabelos de ouro o trançado” “Tão linda que o mundo espanta” “Chove nela graça tanta Que dá graça à fermosura.”</p>	<p>Diminutivos sugerindo graciosidade e simpatia</p> <p>Adjetivação Metáfora -“mãos de prata” Metáfora -“Cabelos de ouro” Orações consecutivas hiperbólicas.</p>	<p>“não segura” do Latim -não <i>se+curus</i> desassossego amoroso</p> <p>“Chove nela graça tanta Que dá graça `fermosura”</p>	<p>Or. Consecutiva Verbo chover usado com valor transitivo e hiperbólico</p>



*Cores predominantes*

**PRESENÇA      SIGNIFICADO**

verde ⇨ verdura – espaço natural  
escarlata / encarnado ⇨ a paixão  
prata / ouro ⇨ riqueza interior e beleza  
branca ⇨ pureza



*Conceção de Mulher:*

- Petrarquismo



Universo da poesia amorosa na qual o Amor tem como objetivo o aperfeiçoamento espiritual. A amada, objeto de contemplação espiritual, e não de desejo erótico, sensual, tem cabelos louros, olhar sereno, riso terno, olhos verdes ou de um azul suave, pele branca, lábios vermelhos.



*Conceção de Amor:*

- Neoplatonismo



Segundo Platão, o Homem pode ascender a um grau superior de perfeição (*mundo inteligível* – das ideias puras, ideal) se amar a beleza espiritual mais do que a material (matéria – *mundo sensível*).

Forma:

Composição formada por um **mote** de três versos e por **duas voltas** ou glosas de sete versos. O último verso do mote repete-se no último das duas voltas. Os versos são de **sete sílabas** (redondilha maior): *Des-cal-ça-vai-pa-raa-fon*. A **rima** é emparelhada e interpolada: ABB-CDDCCBB ⇨ Vilancete

A beleza de Lianor

*Eugénia Pardal*



### Estrutura formal – a redondilha

As chamadas **redondilhas camonianas** são poemas que utilizam uma **estrutura estrófica de mote**, no início do poema, e **volta(s)**, estrofe(s) que desenvolve(m) esse mote, estrutura muito usual na poesia palaciana do século XV. Esta poesia, como o nome indica, era cultivada nos palácios, tendo raízes no folclore castelhano. A **métrica** habitualmente utilizada é a **redondilha**, versos de cinco ou sete sílabas, **redondilha menor** e **redondilha maior**, respectivamente. (Consulta a pág. 241)

#### Como ler poesia

*Espero que estes poemas sejam lidos em voz alta, pois a poesia é oralidade. Toda a sua construção, as suas rimas, os jogos de sons, a melopeia, a síntese, a repetição, o ritmo, o número, se destinam à dicção oral.*



Botticelli, *A Primavera*  
(pormenor)

*A poesia é a continuação da tradição. E é mestra da fala: quem, ao dizer um poema, salta uma sílaba, tropeça, como quem ao subir uma escada falha um degrau.*

*Por isso, para que a leitura em voz alta se entenda e seja bela, é necessário que a dicção seja clara, nítida, bem silabada e bem ritmada. As diferenças de sotaque não criam problema algum, pois cada sotaque tem a sua beleza própria.*

*E é importante aprender o poema de cor, pois o poema decorado fica connosco e vai-nos revelando melhor, sempre que o repetimos, o seu sentido e a beleza da sua linguagem e da sua construção.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

- Destas reflexões de Sophia de Mello Breyner, selecciona **uma** que tenhas achado particularmente interessante. Justifica a tua escolha.

#### Comentar a leitura

Depois de leres a ficha abaixo, **dá a tua opinião**, fundamentada, sobre a leitura que ouviste do poema “*Descalça vai pera a fonte*”.

#### Ler com expressividade

Prepara a **leitura expressiva** de poemas de Camões e apresenta-a na aula.

## Ler e dizer poesia

- 1. Compreensão**
  - Fazer uma primeira leitura silenciosa.
  - Compreender o significado de todas as palavras.
- 2. Articulação**
  - Treinar a correcta articulação de todas as sílabas.
  - Acentuar as repetições, as aliteraões, as rimas.
- 3. Entoação**
  - Respeitar a pontuação.
  - Acentuar as exclamações, as interrogações, as reticências para, expressivamente, transmitir a emoção, o sentimento, o espanto, a ironia.
- 4. Ritmo**
  - Respeitar as pausas de pontuação e formais (de verso).
  - Respeitar o ritmo lento ou rápido, de acordo com o texto.

#### Aula n.º 4

- Audição do texto “Endechas a Bárbara escrava” musicado por Zeca Afonso: <http://www.youtube.com/watch?v=hH3Qyy53t1w>.
- Exploração da música / análise formal.
- Escansão de versos.
- Medida velha, redondilha e rimas.
- Leitura analítica e crítica do texto *Aquela cativa*.
- Preenchimento da ficha de registo/interpretação do texto.
- Leitura expressiva / declamação do poema.

Nesta aula, iniciei a exploração do poema *Aquela Cativa* através de um exercício de escuta ativa, em que os alunos tinham de atentar na expressividade da canção de Zeca Afonso e reter as palavras-chave.

Oralmente foi feita a exploração do tom melancólico da música, associado ao tipo de composição - Endecha (poema de fundo melancólico). No âmbito da análise formal fez-se a identificação do esquema rimático e da métrica. Esta informação foi registada na ficha de trabalho.

Passou-se depois à análise de conteúdo temático e estilística do texto acompanhada da tomada de notas na ficha. Procedeu-se também à divisão do texto em partes, atividade importante quer para a leitura quer para a escrita, promovendo a organização / esquematização das ideias.

A análise finalizou com a identificação do assunto e do tema, pelas razões já apontadas (cf. aula 3).

Foi estabelecido um paralelo entre os textos *Descalça vai pera a fonte / Lianor pela verdura* e *Endechas a Bárbara escrava*, pois ambos se reportam a uma mulher, cuja beleza é elogiada. No entanto, fisicamente, estas mulheres apresentam características díspares, concluindo que o poeta contraria a convenção petrarquista de mulher, já abordada na cantiga “Descalça vai pera a fonte”(cf. aula 3), apresentando nas endechas uma beleza exótica conforme elementos de análise do retrato da figura patentes na ficha de análise de conteúdo temático e estilística a seguir apresentada. Este aspeto encontra-se exaustivamente desenvolvido por Rita Marnoto (2007).

Nas endechas enveredei pela exploração do vocabulário, da etimologia (em palavras como “cativa” e “leda”) para apoiar os alunos na descodificação do texto e para continuar a promover a ligação à Cultura Clássica.

No final da aula foi marcado o trabalho de casa: pesquisa acerca de Circe, feiticeira da mitologia grega que surge no soneto analisado na aula seguinte.

Os materiais que foram utilizados nesta aula:

- Ficha de registo dos dados da análise do texto;
- Ficha de registo preenchida com os elementos que foram sendo explorados e fixados ao longo da aula.

*CA.MÕES – Aquela cativa*

**FORMA:** Endechas – poema de fundo melancólico, constituído por cinco oitavas com o seguinte esquema rimático em cada estrofe: abba cddc, ou seja, rimas emparelhadas e interpoladas. Metricamente, os versos são de 5 sílabas (redondilha menor).

**ANÁLISE TEMÁTICA E ESTILÍSTICA:**

		<b>Recursos Estilísticos</b>	<b>Valor Expressivo</b>	
<b>INTRODUÇÃO</b> vv. 1-4		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>mulher:</b> <i>Aquela cativa,</i> <i>Que me tem cativo,</i> <i>(...) Já não quer que viva.</i></li> <li>• <b>sujeito poético:</b> <i>(...) cativo,</i> <i>Porque nela vivo</i></li> </ul>	✓ <i>cativa / cativo</i> <i>vivo / viva</i>	
<b>C A R A C T E R I Z A Ç Ã O  D E  B Á R B A R A</b>	<b>RETRATO FÍSICO</b> ( _____ )  ↓ _____ dos cânones petrarquistas (mulher loura, branca, olhos claros)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Formosa /Bela:</b> <i>nunca vi rosa</i> <i>Nem no campo de flores,</i> <i>nem no céu estrelas,</i></li> <li>• <b>Rosto singular</b></li> <li>• <b>Olhos (...) Pretos</b></li> <li>• <b>Pretos os cabelos</b></li> <li>• <b>Pele negra :</b> <i>Pretidão de Amor</i></li> </ul>	✓ ✓	
	<b>RETRATO PSICOLÓGICO</b> ( _____ )  =  (serenidade, sossego, doçura, sensatez)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Olhos (...) sossegados (...) cansados,</b></li> <li>• <b>Graciosa:</b> <i>Ua graça viva</i></li> <li>• <b>Doce:</b> <i>Tão doce a figura, / Que a neve lhe jura</i> <i>/ Que trocara a cor.</i></li> <li>• <b>Alegre /Mansa/Sensata:</b> <i>Leda mansidão/Que o siso acompanha</i></li> <li>• <b>Diferente / Especial:</b> <i>Bem parece estranha</i></li> <li>• <b>Serena:</b> <i>Presença serena</i> <i>Que a tormenta amansa</i></li> </ul>	✓  ✓  ✓	
	<b>RETRATO SOCIAL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Escrava:</b> <i>Aquela cativa,</i> <i>Esta é a cativa</i></li> </ul>		
<b>CONCLUSÃO</b> vv. _____	<i>Esta é a cativa,</i> <i>Que me tem cativo,</i> <i>E pois nela vivo</i> <i>É força que viva.</i>	<b>RETOMA DA ESTRUTURA DO INÍCIO DO POEMA</b> <i>Aquela ( _____ )</i> <i>Esta ( _____ )</i>  <i>Porque ( _____ )</i> <i>Pois ( _____ )</i> <i>Já não quer que viva (viver = sofrer)</i> <i>É força que viva (viver - sentido físico)</i> ↓ Os 4 versos iniciais e finais são idênticos, enciando uma construção em círculo do poema e do carácter obsessivo da relação que se estabelece entre o sujeito e Bárbara.		

**Assunto:** \_\_\_\_\_

**Tema:** \_\_\_\_\_

*Eugénia Pardal*

*CA.MÕES – Aquela cativa*

**FORMA:** Endechas – poema de fundo melancólico, constituído por quadras ou oitavas, utilizando versos de 5 ou 6 sílabas redondilha menor), com o seguinte esquema rimático em cada estrofe: abba cddc, ou seja, rimas emparelhadas e interpoladas

**ANÁLISE TEMÁTICA E ESTILÍSTICA:**

			<b>Recursos Estilísticos</b>	<b>Valor Expressivo</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> vv. 1-4		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>mulher:</b> “Aquela cativa, que me tem cativo, (...) já não quer que viva.”</li> <li>• <b>sujeito poético:</b> (...) “cativo, porque nela vivo”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Trocadilhos: <i>cativa / cativo</i> <i>vivo / viva</i></li> <li>✓ Jogo de palavras</li> </ul>	Realçar a intensidade dos sentimentos do sujeito pela mulher (cativa)
C A R A C T E R I Z A Ç Ã O D E B Á R B A R A	<b>RETRATO FÍSICO</b> (expressões da natureza/ concretas ↓ Transgressor dos cânones petrarquistas (mulher loura, branca, olhos claros)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Formosa /Bela:</b> “nunca vi <u>rosa</u>” Nem no campo de <u>flores</u>, nem no céu <u>estrelas</u>.”</li> <li>• <b>“Rosto singular”</b></li> <li>• <b>“olhos (...) pretos”</b></li> <li>• <b>“Pretos os cabelos”</b></li> <li>• <b>Pele negra :</b> “Pretidão de Amor”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <u>Metáforas</u></li> <li>✓ Construções negativas</li> <li>✓ Adjetivação expressiva</li> </ul>	Exaltar a beleza de Bárbara
	<b>RETRATO PSICOLÓGICO</b> (expressões de sentido mais abstrato) = Mulher petrarquista (serenidade, sossego, doçura, sensatez)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>“olhos (...) sossegados (...) cansados.”</b></li> <li>• <b>Graciosa:</b> “Ua graça <u>viva</u>”</li> <li>• <b>Doce:</b> “tão <u>doce</u> a figura,/ que a neve lhe jura / que trocara a cor.”</li> <li>• <b>Alegre /Mansa:</b> “<u>Leda</u> mansidão”</li> <li>• <b>Diferente / especial:</b> “bem parece <u>estranha</u>”</li> <li>• <b>Serena:</b> “Presença <u>serena</u> que a tormenta amansa”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <u>Adjetivação expressiva</u></li> <li>✓ Personificação / hipérbole / oração consecutiva</li> <li>✓ Hipérbole</li> </ul>	Engrandecer a beleza de Bárbara
	<b>RETRATO SOCIAL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Escrava:</b> “Aquela cativa,” “Esta cativa”</li> </ul>		
<b>CONCLUSÃO</b> vv. 37-40		“Esta é a cativa, que me tem cativo, E pois nela vivo é força que viva.”	<p><b>RETOMA DA ESTRUTURA DO INÍCIO DO POEMA</b> <i>Aquela</i> (determinante demonstrativo) <i>Esta</i> (pronome demonstrativo)</p> <p><i>Porque</i> (conjunção subordinativa causal) <i>Pois</i> (conjunção subordinativa causal)</p> <p><i>já não quer que viva</i> (viver = sofrer) <i>é força que viva</i> (viver = sentido físico) ↓</p> <p>4 versos iniciais e finais são idênticos, enciando uma construção em círculo do poema e do carácter obsessivo da relação que se estabelece entre o sujeito e Bárbara.</p>	

**Assunto:** O poeta exalta a beleza exótica da escrava Bárbara, por quem se apaixonara.

**Tema:** Beleza exótica de Bárbara

*Eugénia Pardal*

## Aula n.º 5

- Leitura analítica e crítica da esparsa *Os bons vi sempre passar*.
- Esquematização das ideias transmitidas pelo texto.
- Leitura expressiva / declamação do poema.
- Apresentação do trabalho de pesquisa acerca de Circe (feiticeira da mitologia grega) .
- Escansão de versos.
- Soneto, decassílabo, medida nova.
- Leitura analítica e crítica do soneto *Um mover d' olhos, brando e piadoso*.
- Preenchimento da ficha de registo/interpretação do texto.

Na quinta aula foram analisados dois textos: *Os bons vi sempre passar* e *Um mover d' olhos, brando e piadoso*. Relativamente ao primeiro, a esparsa, para diversificar a estratégia de registo, procedi à elaboração de um esquema, no quadro, com a colaboração dos alunos. Apesar de ter utilizado uma atividade diferente, persistiu o objetivo de levar o aluno a esquematizar as ideias presentes no texto e fornecer-lhes materiais de apoio ao estudo.

A exploração da esparsa terminou com a identificação do assunto, do tema e a análise formal.

Para encerrar o trabalho com este poema, procedeu-se, seguindo os passos que tenho vindo a apresentar até aqui, à leitura expressiva e declamação.

Antes de se passar à análise do segundo texto desta aula (*Um mover d' olhos, brando e piadoso*), os alunos apresentaram o resultados das pesquisas acerca de Circe, feiticeira da mitologia grega. Depois da apresentação do trabalho de casa, promovi uma reativação de conhecimentos sobre a mitologia clássica que os alunos adquiriram no âmbito do estudo de *Os Lusíadas* no nono ano, oportunidade em que os alunos puderam mencionar a sua lembrança dos deuses e divindades. Pude verificar que os alunos não esquecem o fundo clássico de *Os Lusíadas*, ou seja, há um legado que permanece.

Na segunda parte da aula, fiz a leitura do soneto *Um mover d' olhos, brando e piadoso* e pedi aos alunos que identificassem a temática presente. Os discentes facilmente reconheceram a presença da temática do **retrato da mulher**, já abordada na cantiga e nas endechas anteriormente estudadas. Desde logo, foi também identificada a diferença formal, ou seja, a nova estrutura poética - o soneto. Partimos então da análise formal que foi registada na ficha de registo.

A leitura analítica e crítica contemplou conteúdos de língua previstos no domínio do funcionamento e língua do Programa de Português e, entemente, conteúdos literários. Assim, foram identificadas as classes de palavras e foi feita a caracterização física, moral e psicológica da figura feminina.

De seguida, destacou-se ainda a importância do segundo terceto enquanto chave de ouro do soneto.

Para finalizar o estudo do poema, foi recordado o Neoplatonismo e o Petrarquismo já anteriormente abordados, tendo os alunos desta feita explicitado os seguintes aspetos: para o Neoplatonismo - poder transformador do Amor (transformação daquele que ama); para o Petrarquismo - a conceção idealizada, perfeita e divina da mulher.

Todas as conclusões retiradas ao longo da análise e interpretação do texto em momentos de vivo diálogo, ao longo da aula, foram registadas na ficha.

#### Observações:

Finalmente, impõe-se uma observação quanto a estratégias não realizadas, mas de grande pertinência.

No âmbito da exploração dos conhecimentos adquiridos sobre mitologia, podia ter sido integrado um jogo sobre mitologia. O jogo que apresento foi construído já depois de ter lecionado esta aula, mas numa perspetiva reflexiva de aperfeiçoamento deste percurso, tendo em conta este trabalho e pensado numa aplicação futura. A ideia surgiu depois de ter assistido à apresentação dos *Tallers de Cultura Clássica de Sagunt*, durante o Colóquio Internacional “Formação de Professores e Educação” que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a 22 de abril do corrente ano.

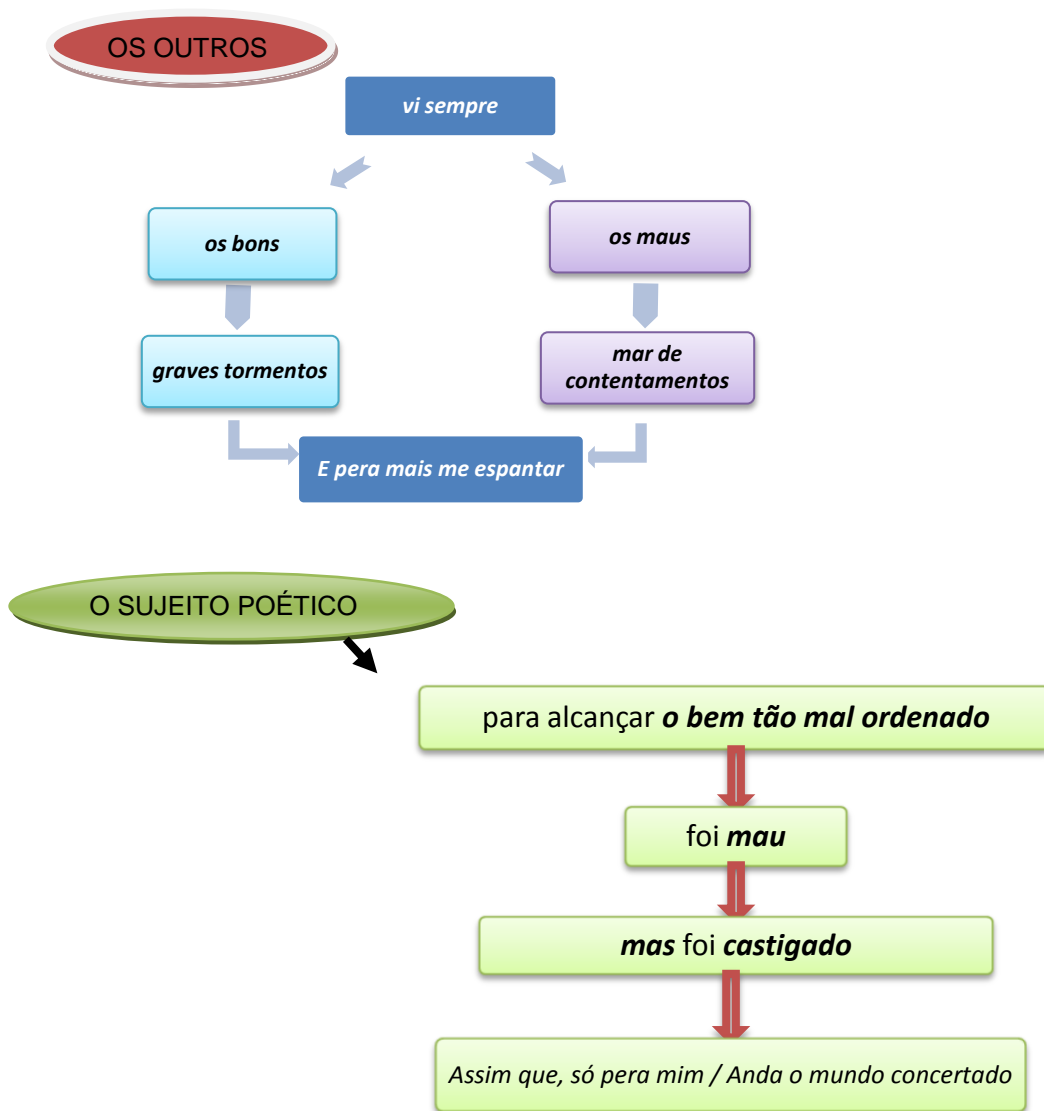
Este jogo envolve pares de jogadores sentados frente a frente. Cada um deles tem um cartão com um deus, que não vê, pois o cartão fica à frente do jogador num suporte e por isso só o adversário tem acesso à informação do mesmo. Cada um vai fazendo perguntas e o adversário só pode responder “sim” ou “não”. O objetivo é adivinhar qual é o deus que lhe coube em sorte. Como apoio, cada jogador tem um cartão com explicações sobre os diversos deuses, como se pode ver nas fotografias em anexo (anexo 1).

Os materiais que foram utilizados nesta aula:

- Esquema para registo no quadro sobre a esparsa “Os bons vi sempre passar”;
- Ficha de registo dos dados da análise do texto;
- Ficha de registo preenchida com os elementos que foram sendo explorados e fixados ao longo da aula



Esquema da esparsa *Os bons vi sempre passar*



DIVISÃO DO TEXTO EM PARTES:	
1.ª PARTE (Vs. 1-5)	O sujeito poético apresenta o resultado das suas observações sobre a distribuição das recompensas e punições no mundo.
2.ª PARTE (Vs. 6-10)	O sujeito poético contrapõe à ordem geral dos acontecimentos o seu caso específico, o único que respeita a ordem natural das coisas.

**TEMA:** O desconcerto do mundo

**ASSUNTO:** O sujeito poético estabelece um paralelo entre aqueles que pautam a sua vida regendo-se pelo bem, porém sofrem, são oprimidos, e aqueles que, invertendo os valores, têm uma vida agradável.

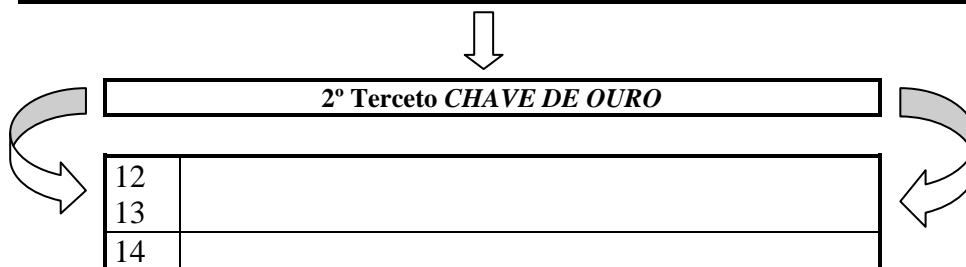
*Eugénia Pardal*

**ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES**  
**LÍRICA CAMONIANA**

**Um mover d' olhos, brando e piadoso**

1• Faz o levantamento do material linguístico utilizado para fazer o retrato da amada:

<b>RETRATO DA AMADA</b>						
	V	ARTIGO INDEFINIDO	SUBSTANTIVO	ADJETIVO		
	1				↔	↓
	2					
	3					
	4					
	5				↔	↓
	6					
	7					
	8					
	9				↔	↓
	10					
	11					



2• Análise formal:

3• o quadro com informações retiradas do soneto que revelem influência da doutrina neoplatónica e do petrarquismo.

<b>NEOPLATONISMO</b>	<b>PETRARQUISMO</b>

*Versão em branco distribuída aos alunos*

*Eugénia Pardal*

*Um mover d' olhos, brando e piadoso*

<b>RETRATO DA AMADA</b>				
1.				
	V.	ARTIGO INDEFINIDO	NOME	ADJETIVO
1. <sup>a</sup> Q U A D R A	1	Um	mover d'olhos	brando piadoso
	2	Um	riso	brando honesto
	3	Um	gesto	doce, humilde
	4			
2. <sup>a</sup> Q U A D R A	5	Um	despejo	quieto vergonhoso
	6	Um	repouso	gravíssimo modesto
	7	Ua	bondade	pura
	8	-----	Indício da alma	limpo gracioso
1. <sup>o</sup> T E R C E T O	9	Um ua	ousar brandura	encolhido
	10	Um um	medo ar	sereno
	11	Um	sofrimento	longo obediente

Aspectos físicos  
↓  
Qualidades morais e psicológicas

Qualidades  
Atitudes  
Estados  
↓  
Qualidades morais e psicológicas



<b>2º Terceto CHAVE DE OURO</b>	
12	Explicitação do objeto do discurso anterior – <b>a amada</b> -
13	(síntese dos seus atributos).
14	Efeitos da beleza da amada no sujeito.

Soneto, composto de duas quadras e dois tercetos; versos decassilábicos; esquema rimático abba / abba / cdb / cdb, com rima interpolada e emparelhada nas quadras e cruzada nos tercetos.

<b>NEOPLATONISMO</b>	<b>PETRARQUISMO</b>
O poder transformador do Amor (transformação daquele que ama)	Conceção da Mulher: • idealizada • perfeita • divina

SONETO – composição poética constituída por duas quadras e dois tercetos, versada na nossa literatura desde o século XVI. No soneto clássico, os versos são decassílabos, a rima é interpolada (abba) nas quadras e admite variantes nos tercetos.

*Eugénia Pardal*

## Aula n.º 6

- Audição do soneto *Amor é um fogo que arde sem se ver*, musicado pelo grupo Pólo Norte - <https://www.youtube.com/watch?v=aoND1ewxRak>
- Leitura analítica e crítica do soneto *Amor é um fogo que arde sem se ver*.
- Esquematização de ideias.
- Escansão de versos.
- Soneto, decassílabo, medida nova.
- Leitura expressiva / declamação do poema.

À medida que se aproximava o final da sequência, senti necessidade de mostrar aos alunos que o texto poético de Camões está muito mais próximo deles do que se possa pensar. Com esse objetivo, a abordagem do soneto *Amor é um fogo que arde sem se ver* começou com a audição do poema musicado pela banda Pólo Norte, um grupo *pop* que a maioria dos nossos jovens conhece. É importante que os alunos sintam que os textos de Camões atravessam séculos e continuam presentes nas artes como é o caso da música contemporânea, e em diversos registos e estilos ( *supra* p. 56, *Aquela cativa* por Zeca Afonso e *infra* p. 66, *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* por José Mário Branco).

No estudo deste texto, optei por projetá-lo e construir no quadro um esquema, destacando os aspetos estilísticos e sua função em termos da mensagem que é transmitida pelo sujeito poético. A este propósito, Carlos Reis (1992: 227) aponta para a “leitura estilística do soneto” *Amor é um fogo que arde sem se ver*, para a importância de “valorizar no texto os recursos estilísticos mais significativos do ponto de vista estético”. Este estudioso chama também a atenção para o facto de não se dever proceder a “uma inventariação dos artificios estilísticos”. Neste sentido, fiz uma exploração oral da função dos recursos estilísticos e registo no quadro.

Depois, fez-se oralmente a análise formal do soneto, cujos dados foram registados pelos alunos no caderno diário.

O trabalho com este texto terminou com a leitura expressiva / declamação pelos alunos.

No final da aula, foi marcado o trabalho para casa: pesquisa do tema da mudança em Heraclito, Horácio e Virgílio. Cada fila de alunos ficou responsável pela recolha de informação relativamente a um dos autores, vindo a partilhar o resultado da pesquisa na aula seguinte.

Promover o espírito de partilha e de entreajuda é nos dias de hoje muito importante para os nossos jovens. A aula de Português deve divulgar esses valores não só em textos, mas também em ações, ser espaço de partilha de saber, trabalho... Repartir com os colegas e com a professora...

Os materiais que foram utilizados nesta aula:

- Texto projetado com as respetivas anotações, fruto do diálogo com os alunos, registadas no quadro, ladeando o texto.

Propõe-se fazer uma definição de "Amor"

Metáfora

Amor é um fogo que arde sem se ver  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
É um andar solitário por entre a gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata, lealdade.

conj. coord. adversativa  
Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Amor: sentimento contraditório  
Divinizado (maiúscula)

Ideia de submissão  
AMOR O SENTIMENTO  
PODEROSO

Anáfora  
Enumeração

Antíteses

11 tentativas de definição  
do Amor

Artigo indefinido - um  
Nat. indefinível do Amor

Interrogação retórica que  
apresenta o Amor como um  
sentimento contraditório

CHAVE DE OURO  
(característica que define o Amor)

Eugénia Pardal

## Aula n.º 7

- Visualização de parte de uma publicidade da Portugal Telecom (<http://www.youtube.com/watch?v=YrQW2q7ibl0>) / Audição de parte do soneto *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*.
- Apresentação dos trabalhos de pesquisa acerca do tema da mudança nos clássicos (Heraclito, Horácio e Virgílio).
- Leitura analítica e crítica do soneto *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*
- Preenchimento da ficha de registo/interpretação do texto.
- Audição do soneto *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* musicado por José Mário Branco.

Como motivação para o estudo do soneto, *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*, os alunos visualizaram uma parte de uma publicidade da Portugal Telecom, (um minuto), que inclui a declamação das duas quadras e do último terceto do poema. A publicidade na sua totalidade tem a duração de dois minutos e cinquenta e seis segundos. Optei por apresentar apenas a parte que remetia para o texto em estudo. No excerto que apresentei, surge no ecrã uma jovem que liga a televisão, um jovem que dança, outro que coloca um disco a tocar, várias pessoas que dançam. Entretanto, começa a declamação do texto acompanhada de música *pop*, acompanhada de imagens de jovens que saltam em camas elásticas, de um rapaz a jogar futebol que marca um golo numa baliza formada pelos cubos da publicidade da Portugal Telecom (PT). Depois aparece um menino sentado à secretária, sob a qual vemos os cubos da PT. Em seguida, dois jovens que andam de bicicleta, crianças à beira da água, adultos que mergulham, um mergulhador com os cubos da PT e um jovem que espalha um conjunto de folhas. Quando se inicia a declamação da segunda estrofe, visualizamos um casal de idosos, vestidos de noivos e um bolo com velas. A acompanhar a referência “às mágoas”, visualiza-se um homem que chora e cubos da PT que são lançados. Seguidamente, um casal que se beija e um homem que telefona, quando se ouve a palavra “saudades”. No momento em que se inicia a declamação do terceto, veem-se duas mãos entrelaçadas, uma de uma criança e outra de um adulto, jovens abraçados e jovens ao telefone. O anúncio termina com a referência à Portugal Telecom a com as palavras chave no cubo que foi acompanhando a publicidade, que agora gira. Em três das suas faces surgem as palavras “Inovar”, “Mudar” e “Melhorar” e, no final, a frase

“É a nossa tradição”. Esta publicidade foi utilizada como elemento de motivação para o estudo do texto, rentabilizando assim materiais que estão ao nosso alcance nos *media* e que podem ser muito úteis quando devidamente utilizados<sup>7</sup>.

Em seguida, fez-se o comentário das imagens e a exploração da ligação com a mensagem veiculada.

A análise de texto implicou a identificação dos vários tipos de mudança (no mundo, nos sentimentos, na natureza e no próprio eu lírico: duas quadras e primeiro terceto; a mudança da própria mudança: segundo terceto em chave de ouro), associando-lhe a análise estilística.

Antes da sistematização final acerca do tema da mudança, cujas anotações foram feitas na ficha de registo, os alunos apresentaram o resultado das suas pesquisas previstas no trabalho de casa (pesquisas acerca do tema da mudança nos clássicos, nomeadamente, em Heraclito, Horácio e Virgílio). Os alunos referiram os principais dados biográficos e as dominantes temáticas de cada autor sobre a mudança.

No final da análise do poema, os alunos ouviram a versão musicada do soneto *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* de José Mário Branco.

Os alunos gostaram de ouvir a gravação, valorizaram a versão musicada, tendo observado particularidades musicais nomeadamente ao nível do ritmo. Referiram que este é muito marcado, rápido, o que pode ter a função de vincar a ideia do fluir veiculado no texto. Ainda estabeleceram uma associação entre o ritmo da versão musicada de José Mário Branco e a publicidade da PT, encontrando pontos de contacto e afinidades. A turma é constituída por alunos do ensino supletivo da música.

#### Observações:

Considero importante fazer menção de uma outra possibilidade para iniciar o estudo deste soneto. Podia introduzir um relato sobre o “Enigma da Esfinge” baseado, por exemplo em Chevalier, Jean & Gheerbrant, Alain (1994: 297).

Contar-se-ia aos alunos a história de quando Édipo entrou na cidade de Tebas e encontrou a Esfinge, monstro metade leão e metade mulher que apresentava um enigma

---

<sup>7</sup> Cristina Mello (1999: 219) lembra Eduardo Lourenço, que num colóquio sobre Cultura e Economia se referiu ao “uso de ícones culturais para vender o não cultural”. De facto, por vezes pode surgir a utilização inadequada dos bens culturais para efeitos publicitários, visando sobretudo interesses mercantis. A arte tornou-se um mercadoria. Não pretendo de forma alguma enveredar por essa via. Considero a instrumentalização da arte algo condenável. Em contexto de sala de aula, alertei os meus alunos para esse perigo. Eles próprios referiram que os autores e a literatura têm valor enquanto tal e não por serem divulgados na publicidade.



aos viandantes e devorava aquele que não o decifrasse. Até àquele momento, nenhum homem tinha conseguido responder à questão: Qual é o ser que anda de manhã com quatro patas, ao meio dia com duas, e à tarde com três, e que, contrariamente à lei geral, é mais fraco quando tem mais pernas?

Depois, os alunos seriam questionados acerca da resposta que terá dado Édipo. Após a discussão, a professora forneceria a solução. Diria que é o Homem, porque quando é pequeno, gatinha, em adulto, usa as duas pernas e na velhice, caminha apoiado numa bengala.

Concluir-se-ia então o relato da história, revelando que depois da resposta de Édipo, a Esfinge se atirou do alto de um rochedo e morreu.

A partir desta história poder-se-ia refletir sobre a maneira como é vista a condição humana. Os alunos deveriam ser conduzidos para tirarem conclusões acerca da conceção pessimista da existência humana, da fragilidade e fugacidade da vida e do facto de o tempo trazer a mudança e esta ocorrer sempre num sentido negativo.

A relação entre este texto e o soneto de Camões permitiria uma intertextualidade útil à exploração do segundo.




Esta atividade foi suprimida por falta de tempo, pois como a turma é muito numerosa (30 elementos) e tem alunos interessados e participativos foi-se acumulando algum atraso...

Os materiais que foram utilizados nesta aula:

- Ficha de registo dos dados da análise do texto;
- Ficha de registo preenchida com os elementos que foram sendo explorados e fixados ao longo da aula.

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES  
LÍRICA CAMONIANA

*Mudam-se os tempos mudam-se as vontades*

	EXPRESSÕES DO TEXTO	RECURSOS ESTILÍSTICOS...	
1. <sup>a</sup> QUADRA			
2. <sup>a</sup> QUADRA			
1.º TERCETO			 

↓

2º TERCETO  
CHAVE DE OURO

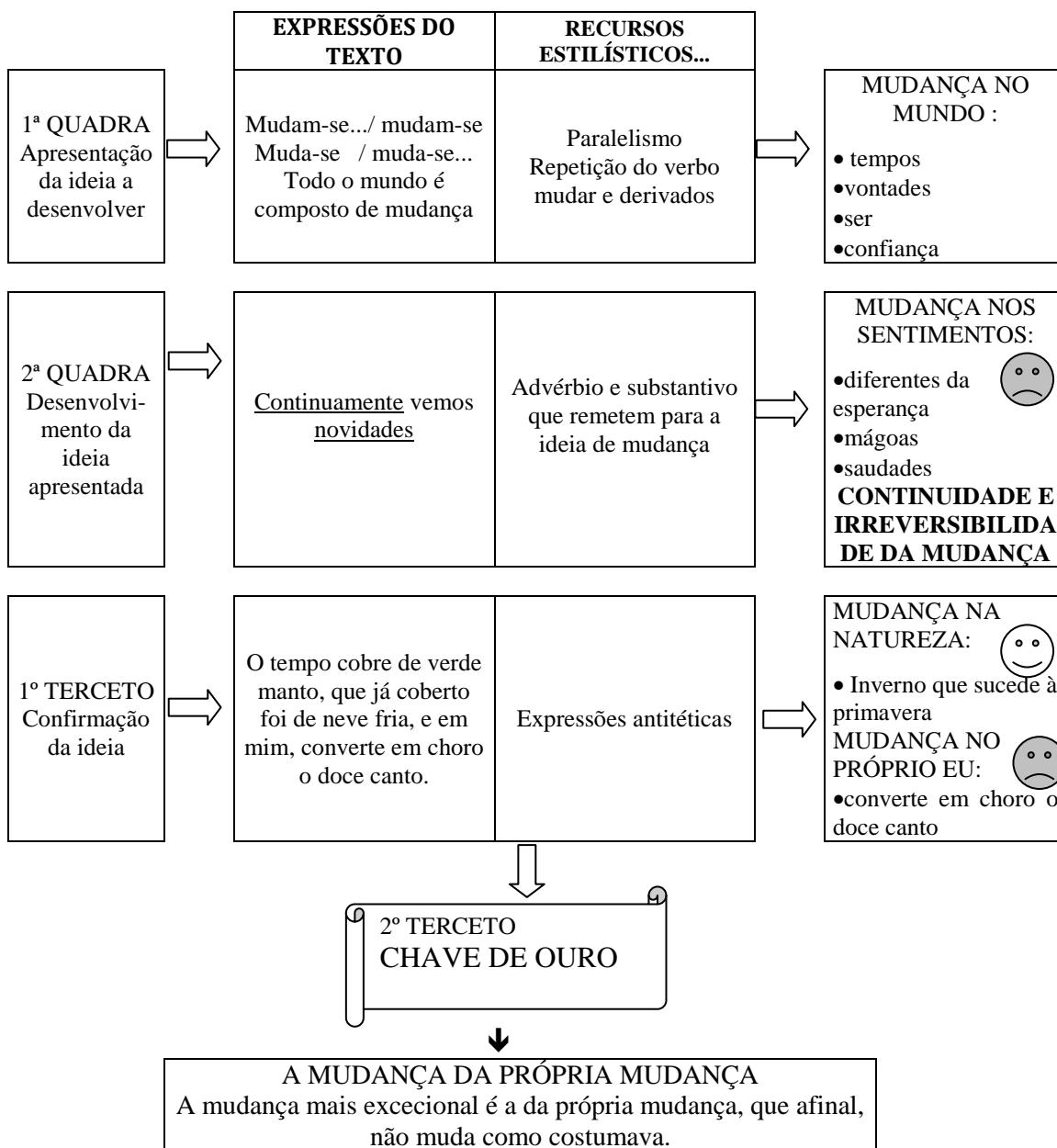
↓

*Versão em branco distribuída aos alunos.*

*Eugénia Pardal*

**ESCOLA BÁSICA SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES  
LÍRICA CAMONIANA**

***Mudam-se os tempos mudam-se as vontades***



A MUDANÇA é a principal consequência da passagem do tempo. Este tema de influência greco-latina (já tratado entre os gregos por Heraclito, e entre os romanos por Horácio e Virgílio) é desenvolvido neste poema por Camões.

TUDO MUDA: ***o tempo natural***, em movimento circular (à estação do frio sucede a das flores que depois dará lugar ao outono e ao inverno, de novo, ciclicamente); ***o tempo humano*** - esta mudança não é cíclica, mas irreversível (no homem, a mudança faz-se do bem para o mal).

A mudança é cíclica → natureza  
A mudança é irreversível → homem

*Eugénia Pardal*

## Aula n.º 8

- Leitura analítica e crítica do soneto *Erros Meus, má fortuna, amor ardente*.
- Esquematização de ideias.
- Escansão de versos.
- Sistematização: Camões poeta da tradição e da inovação - ficha de trabalho.
- Corrente tradicional / corrente renascentista.

O último texto selecionado para esta sequência foi *Erros Meus, má fortuna, amor ardente*. O texto foi lido silenciosamente e acompanhado da seguinte linha de leitura: identifica os versos que dão continuação ao primeiro verso. A análise deste texto foi sobretudo de conteúdo temático, procurando esquematizar a informação a partir de palavras chave e descodificando a mensagem transmitida.

Foram registadas no quadro as três expressões que compõem o primeiro verso do soneto: *Erros Meus / Má fortuna / Amor ardente*.

Depois, os alunos referiram os versos ou expressões que concretizavam os fragmentos do verso objeto de registo no quadro. Esses elementos foram acrescentados ao esquema que os alunos anotaram no caderno diário.

A seguir, foi feita uma reflexão para identificação do efeito dos *erros, da má fortuna e do amor ardente*, sempre a partir do soneto. Concluiu-se que a resposta residia no segundo verso da primeira quadra (*Em minha perdição se conjuram*) e elegeu-se “perdição” como palavra-chave.

No momento seguinte, os sentimentos que resultaram dessa “perdição” foram indicados a partir da segunda quadra. Sistematizei, então, o conteúdo da troca de impressões registando as palavras “dor”, “ira”, “descontentamento” e “frustração”, relacionando-as com os versos a que esta se referem.

Restaram apenas os dois versos finais e questioneei os alunos sobre quais seriam os sentimentos que dominariam o sujeito poético. Facilmente referiram a revolta e o desejo de libertação. Com estas informações ficou concluída a elaboração do esquema.

Dado que estávamos a chegar ao final da sequência, era importante organizar a informação relativa aos diversos textos estudados, para o que criei uma ficha de trabalho onde se registaram os textos estudados que remetiam para os principais aspetos formais e temáticos da Lírica Camoniana.

Para preencherem esta ficha, os alunos fizeram um exercício de recuperação, através da memória, dos textos lecionados ao longo da sequência. Este recurso foi importante,

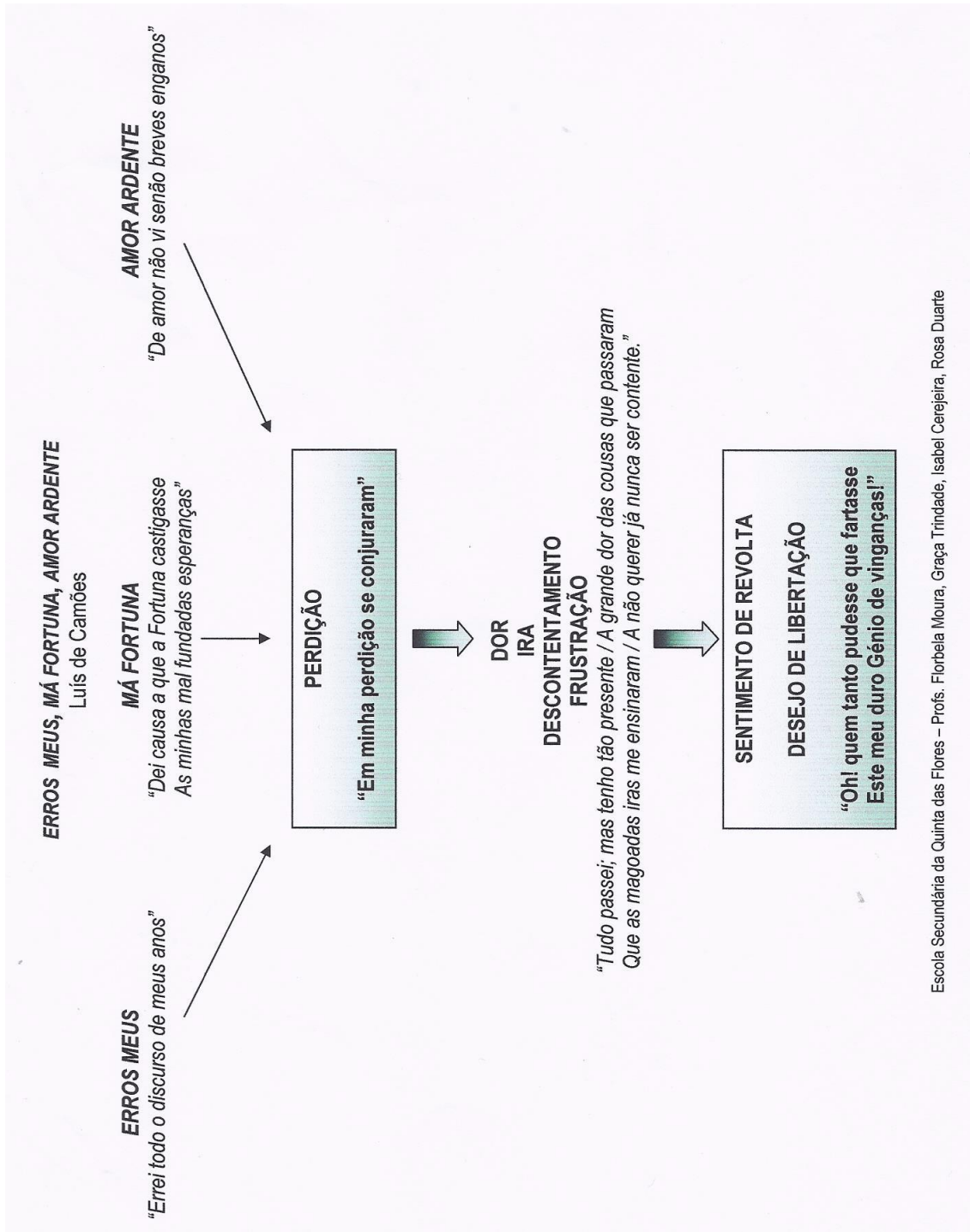
porque permitiu uma sistematização envolvendo a análise formal e temática de todos os textos estudados.

#### Observações:

Por falta de tempo não foi possível realizar uma atividade que fora prevista e que poderia ser do agrado dos alunos, ao mesmo tempo que permitiria aceder à sua sensibilidade estética. Tal atividade era um trabalho de grupo para elaboração de cartazes com os versos que os alunos mais haviam apreciado.

Os materiais que foram utilizados nesta aula:

- Esquema com as ideias principais da análise de conteúdo temático levada a cabo;
- Ficha de sistematização acerca da corrente tradicional e renascentista na poesia camoniana distribuída aos alunos;
- Ficha de sistematização acerca da corrente tradicional e renascentista na poesia camoniana preenchida.



Escola Secundária da Quinta das Flores – Profs. Florbela Moura, Graça Trindade, Isabel Cerejeira, Rosa Duarte

LÍRICA CAMONIANA: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO  
LÍRICA CAMONIANA

	Corrente Tradicional (Poesia trovadoresca e poesia palaciana)	Corrente Renascentista (Poesia italianizante)
	Características	Características
	Textos (Exemplos)	Textos (Exemplos)
<u>Nível formal</u> • Variedade estrófica	> Vilancete: <ul style="list-style-type: none"> <li>• um mote de 2 ou 3 versos;</li> <li>• uma (ou mais) glosas, geralmente de 7 versos;</li> <li>• repete-se o último verso do mote no último da glosa.</li> </ul> > Cantiga: <ul style="list-style-type: none"> <li>• um mote de 4 ou 5 versos;</li> <li>• uma glosa de 8, 9 ou 10 versos;</li> <li>• repete-se o último verso do mote no último da glosa, com ou sem variantes.</li> </ul> > Endecha: <ul style="list-style-type: none"> <li>• estrofes de 4 ou 8 versos;</li> </ul> > Esparsa: <ul style="list-style-type: none"> <li>• uma só estrofe (mínimo de 8 versos e máximo de 16).</li> </ul>	Soneto: <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> <li>•</li> </ul> > Canção: <ul style="list-style-type: none"> <li>• número de estrofes variável, a primeira estrofe serve de modelo, quanto ao número de versos, às sílabas de cada verso e à disposição da rima, às estrofes seguintes, que têm contido; as suas próprias rimas.</li> </ul> > Ode: <ul style="list-style-type: none"> <li>• pequena composição poética de carácter erudito, com elevação do pensamento, sobre assuntos vários.</li> </ul> > “Medida nova”: <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul>
• Métrica	> “Medida velha”: <ul style="list-style-type: none"> <li>• versos de cinco sílabas métricas (redondilha menor)</li> </ul> • versos de sete sílabas métricas (redondilha maior).	> Conceção petrarquista e neoplatónica da Mulher e do Amor; <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> </ul> > Mudança <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul> > Natureza <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul> > Saúde <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul> > Desconcerto do mundo. <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul>
<u>Temática</u>	> Exaltação da beleza feminina; <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> </ul> > Sofrimento amoroso; <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul> > Natureza como cenário. <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul>	> Conceção petrarquista e neoplatónica da Mulher e do Amor; <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> </ul> > Mudança <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul> > Natureza <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul> > Saúde <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul> > Desconcerto do mundo. <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> </ul>

Eugénia Pardal

LÍRICA CAMONIANA: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO  
LÍRICA CAMONIANA

	Corrente Tradicional (Poesia trovadoresca e poesia palaciana)	Corrente Renascentista (Poesia italianizante)	
<p><b>Nível formal</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Variedade estrófica</li> </ul>	<p><b>Características</b></p> <p>&gt; Vilancete:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• um mote de 2 ou 3 versos;</li> <li>• uma (ou mais) glosas, geralmente de 7 versos;</li> <li>• repete-se o último verso do mote no último da glosa.</li> </ul> <p>&gt; Cântiga:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• um mote de 4 ou 5 versos;</li> <li>• uma glosa de 8, 9 ou 10 versos;</li> <li>• repete-se o último verso do mote no último da glosa, com ou sem variantes.</li> </ul> <p>&gt; Endecha:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• estrofes de 4 ou 8 versos;</li> </ul> <p>&gt; Esparsa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• uma só estrofe (mínimo de 8 versos e máximo de 16).</li> </ul>	<p><b>Características</b></p> <p>Soneto:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• duas quadras + dois tercetos;</li> <li>• verso decassilábico.</li> </ul> <p>&gt; Canção:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• número de estrofes variável;</li> <li>• a primeira estrofe serve de modelo, quanto ao número de versos, às sílabas de cada verso e à disposição da rima, às estrofes seguintes, que têm conteúdo; as suas próprias rimas.</li> </ul> <p>&gt; Ode:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• pequena composição poética de carácter erudito, com elevação do pensamento, sobre assuntos vários.</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Métrica</li> </ul>	<p>&gt; "Descalça vai pera a fonte"</p> <p>&gt; "Os bons vi sempre passar"</p> <p>&gt; "Aquela cativa"</p> <p>&gt; "Descalça vai pera a fonte"</p> <p>&gt; "Os bons vi sempre passar"</p>	<p>&gt; "Amor é um fogo que arde sem se ver"</p> <p>&gt; "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades"</p> <p>&gt; "Amor é um fogo que arde sem se ver"</p> <p>&gt; "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades"</p> <p>&gt; "Erros meus, má fortuna, amor ardente"</p>	
<p><b>Temática</b></p>	<p>Temas herdados da lírica trovadoresca e da poesia palaciana:</p> <p>&gt; Exaltação da beleza feminina;</p> <p>&gt; Sofrimento amoroso;</p> <p>&gt; Natureza como cenário;</p>	<p>&gt; Conceção peiraiquesa e neoplatónica da Mulher e do Amor;</p> <p>&gt; Mudança;</p> <p>&gt; A Natureza;</p> <p>&gt; A saudade;</p> <p>&gt; Desconcerto do mundo.</p>	<p>&gt; "Descalça vai pera a fonte"</p> <p>&gt; "Aquela cativa"</p> <p>&gt; "Amor é um fogo que arde sem se ver"</p> <p>&gt; "Um mover de olhos ..."</p> <p>&gt; "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades"</p> <p>&gt; "Os bons vi sempre passar"</p>

Eugénia Pardal



### 5.4.3. Outras atividades para além das realizadas (sugestões)

- Exposição com os materiais produzidos ao longo dos diversos momentos da sequência:
  - Jogo da mitologia
  - Pesquisa acerca da figura de Circe
  - Pesquisa acerca do tema da mudança nos clássicos (Heraclito, Horácio e Virgílio)
  - Cartazes com os versos de Camões preferidos e escolhidos pelos alunos e com a etimologia de palavras...
- Sessão de declamação de poemas de Camões na Biblioteca da escola.

O trabalho realizado ao longo desta sequência poderia ser levado para fora da sala de aula e partilhado com a comunidade escolar. Nesse sentido, seria possível organizar uma exposição com alguns dos materiais produzidos, quer pela professora, quer pelos alunos, por exemplo, o jogo da mitologia, os trabalhos de pesquisa, os cartazes dos versos preferidos dos alunos, da etimologia das palavras e promover uma sessão de declamação de poemas de Camões na Biblioteca da escola.

### 5.4.4. Reflexão crítica

No final da sequência didática, a primeira reflexão que se me impôs teve a ver com o escasso tempo destinado a este conteúdo, pois oito aulas afiguraram-se-me como manifestamente pouco. Senti que muitas vezes tive de abreviar atividades, outras vezes tive de suprimi-las, para assim poder lecionar os conteúdos literários que tinham sido definidos em grupo disciplinar.

A apresentação de textos relativos a mitos e figuras da Antiguidade Clássica foi uma atividade bem recebida pelos alunos e motivadora, o mesmo sucedeu relativamente aos trabalhos de pesquisa, realizados pela maioria, com rigor e qualidade. A propósito do esforço empreendido pelos alunos, refira-se que os mesmos utilizaram como fontes de pesquisa obras do acervo da biblioteca da escola<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Obras consultadas pelos alunos:

*LOGOS: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1992  
*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Verbo, 1963-1995  
Mora, José Ferrater (1991) *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Dom Quixote  
Runes, Dagobert D., dir. (1990) *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Editorial Presença  
Clément, Elisabeth...[et al.] (1999) - *Dicionário Prático de Filosofia*. Lisboa: Terramar  
Abbagnano, Nicola (1985) *História da Filosofia*. Lisboa, Editorial Presença  
Châtelet, François, dir. (1983) *História da Filosofia: Ideias, doutrinas*. Lisboa: Dom Quixote  
Almeida, Guilherme de, coord. (2007) - *Atlas básico de literatura*. Lisboa: Didáctica Editora

No comentário de imagem, os alunos também participaram de forma ativa. Considero que quando apresentamos obras de pintura devidamente contextualizadas a adesão é grande e permite promover a sensibilidade estética.

Na comparação dos retratos de Lianor e Bárbara (*Descalça vai pera a fonte / Lianor pela verdura e Aquela Cativa / Que me tem cativo*), poder-se-ia ter levado a cabo a comparação entre imagens de pinturas de Gauguin e Botticelli (anexos 2 e 3) (pormenor da figura feminina, do primeiro e pormenor de “A Primavera”, do segundo), recuperando os traços de Lianor e estabelecendo uma oposição com os de Bárbara. Assim, seria possível ampliar a sensibilidade estética, através da leitura da poesia e das imagens das pinturas.

Ao longo das aulas, abri espaço para a leitura funcional dos textos do manual, pois como já referi, considero que este deve ser utilizado sempre que possível, por forma a rentabilizar um recurso adquirido pelos alunos e muitas vezes até com algum esforço económico por parte das famílias.

A apresentação da informação com recurso a diapositivos visionados em formato eletrónico surge como um momento de sistematização das ideias fundamentais. Procurei criar uma apresentação eletrónica com os conteúdos fundamentais associados a efeitos de animação para captar a atenção dos alunos.

O teste de compreensão oral, inserido logo no início da sequência didática, permitiu cumprir os critérios de avaliação, mas principalmente, destacar aspetos importantes sobre o conhecimento que Camões tinha da Cultura Clássica.

Como referi ao longo do relatório, a preocupação de fornecer aos meus alunos instrumentos de registo, orientações para os esquemas, anotação dos textos que seriam elementos de estudo, acompanhou-me durante toda a sequência didática, pois estou firmemente convencida que este apoio os aproxima dos textos e os ajuda a cultivar o gosto pelo autor em estudo.

Muitos alunos chegam ao décimo ano com a competência da leitura em voz alta pouco trabalhada. Para ultrapassar essas dificuldades promovi a leitura expressiva do texto no final da sua análise e a declamação dos poemas. Considero que é urgente dotar as aulas de Português de mais momentos dedicados à declamação e à recitação, ao treino da leitura em voz alta. Recordo, a este propósito, Paulo Freire (1991: 27)

“Se é na prática que se aprende a nadar.

Se é praticando que se aprende a trabalhar,

É praticando também que se aprende a ler e escrever  
Vamos praticar para aprender  
E aprender para praticar melhor  
Vamos ler”

Na sequência didática que se seguiu a Camões Lírico, a apresentação oral dos alunos (os critérios de avaliação preveem uma por período) envolvia apenas a declamação de um poema de um poeta do século XX. O aluno tinha portanto de dizer o poema expressivamente, interpretando-o. Pretendia-se que a apresentação refletisse uma leitura pessoal do poema, a sua compreensão e a forma como o aluno o havia sentido. Assim, procurei dar continuidade ao trabalho iniciado na sequência didática de Camões Lírico.

Por falta de tempo não se realizou o trabalho de grupo previsto para o final da sequência, mas a elaboração de cartazes com versos escolhidos pelos alunos, parece-me uma atividade que proporciona a fruição do texto poético. Todas as atividades que não realizei pretendo inclui-las numa próxima oportunidade em que esteja a lecionar 10.º ano, implicando uma revisão da planificação.

As sugestões de atividades que apresentei no final do percurso didático ficam também a aguardar pelo próximo ano de lecionação no 10.º ano, uma vez que as considero pedagogicamente relevantes e profícuas no âmbito do estudo de Camões Lírico.

## **6. CONCLUSÃO**

Foi minha intenção com este trabalho reforçar a importância que a Cultura Clássica detém no estudo de Camões Lírico.

Considero que este relatório permite uma reflexão para a conceção e produção de manuais, no âmbito da Lírica Camoniana.

Assim, parece-me importante que os manuais proponham atividades que retomem aspetos da Cultura Clássica pois, como ficou claro, o próprio Camões era conhecedor dessa mesma cultura. Portanto, os manuais nos seus questionários e propostas de trabalho devem incluir itens sobre temáticas, figuras mitológicas, divindades, mitos da Antiguidade Clássica que apareçam referidos ou que estabeleçam relação com os textos estudados. Na análise de texto, proposta pelos manuais, também não deve ser esquecido

o contributo que a etimologia e a semântica greco-latina pode trazer, com vista a uma leitura mais rigorosa e rica.

Estabelecer um percurso interdisciplinar, envolvendo a matriz clássica, no universo do estudo da Lírica Camoniana, será sempre enriquecedor para o aluno e motivador para o professor, nomeadamente se a sua formação for da área das clássicas, como é o meu caso.

No final deste trabalho, fico com a consciência de que é urgente promover junto dos professores uma reflexão sobre o programa de Português, nomeadamente no que diz respeito à inclusão deste autor na sequência didática do texto autobiográfico, alertando para os perigos que esta opção pode trazer. Uma vez mais, recordo a este propósito Ana Maria Machado (cf. pág. 31).

Atrevo-me a dizer que o Ministério da Educação deverá apostar na formação dos professores de Português e Literatura Portuguesa, quer inicial, quer contínua, proporcionando-lhes os conhecimentos adequados sobre Cultura Clássica e sua articulação com o estudo da literatura em geral e da Lírica Camoniana em particular. Cabe também ao Ministério da Educação possibilitar e implementar junto dos professores uma reflexão sobre o âmbito das funções e estatutos dos manuais escolares, para que a elaboração e escolha destes materiais seja adequada aos objetivos do processo ensino aprendizagem do Português e da Literatura Portuguesa.

No âmbito da promoção da Cultura Clássica em articulação com o estudo da Lírica Camoniana, a atuação dos professores deverá ser distinta, pois a promoção da cultura greco-latina dependerá deles, do conhecimento que dela possuem, das atividades que promoverem e do acompanhamento que proporcionarem aos seus alunos, para assim consciencializarem os jovens que a Cultura Clássica é uma porta de entrada nos textos da Literatura Portuguesa.

Relativamente ao percurso didático apresentado, resta referir que, como o estudo dos textos da Lírica Camoniana foi sempre apoiado com materiais de registo, esquematização de ideias, verifiquei que a ideia feita de que o texto de Camões é difícil não colhe adeptos entre os meus alunos, uma vez que aderiram à leitura, exploração e declamação dos textos e revelaram também bons resultados no momento de avaliação final da sequência (cf. grelha da avaliação do teste - anexo 4).

No final deste trabalho, fica a consciência de que haveria muitos outros caminhos a seguir, muito mais a dizer, contudo, deixei-me conduzir pela minha experiência, pelas minhas convicções fundamentadas no estudo, na investigação realizada, procurando

respostas para as minhas inquietações pedagógicas. Tudo em nome do que considero ser melhor para os meus alunos, para a sua aprendizagem e formação.

## BIBLIOGRAFIA

- André, Carlos Ascenso (2008). *O Poeta no Miradoiro do Mundo. Leituras camonianas*. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Coimbra.
- Bernardes, José Augusto Cardoso (1999). *História Crítica da Literatura Portuguesa* Vol. II - Humanismo e Renascimento. Lisboa: Verbo.
- Bernardes, José Augusto Cardoso (2000). “A Investigação e a Didática da Lírica de Camões”, in *Didática da Língua e da Literatura, Vol. I*, Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 745-762.
- Bernardes, José Augusto Cardoso (2010). “Cultura literária e formação de professores”, in *COLÓQUIO de DIDÁTICA língua e literatura*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 29-62.
- Bernardes, José Augusto Cardoso (2011). “Os estudos literários na Universidade”, in João Amadeu Carvalho da Silva, José Cândido de Oliveira Martins & Miguel Gonçalves (Orgs.), *Pensar a Literatura no séc. XXI*. Braga. Faculdade de Filologia, pp. 27-52.
- Castro, Aníbal Pinto (1995). A Mitologia Na Lírica De Camões in *Revista de Literatura Românica*. Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 43-61.
- Castro, Aníbal Pinto (2007). *Páginas de um Honesto Estudo Camoniano*. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Coimbra.
- Chevalier, Jean & Gheerbrant, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos* Teorema. Lisboa
- Costa, F.; Magalhães, O. (2012). *Com Todas as Letras*. Porto: Porto Editora

- Ferreira, José Ribeiro (1991). "Permanência da Cultura Clássica" in Boletim de Estudos clássicos, Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, pp. 57-62.
- Ferreira, José Ribeiro (1996). "O Tema de Ulisses em cinco poetas portugueses contemporâneos", *Máthesis*, 5: 437-462.
- Ferreira, José Ribeiro (1996b). "O tema do Labirinto na poesia portuguesa contemporânea", *Humanitas*, 48: 309-333.
- Ferreira, José Ribeiro (1998). Temas Clássicos em Manuel Alegre. In Exílio sem Remédio. O tema de Ulisses em Manuel Alegre, ed. José Ribeiro Ferreira, 25-54. Viseu: N/A.
- Ferreira, José Ribeiro (1998b). "Temas clássicos em livros recentes", *BEC*, 30: 153-171.
- Ferreira, José Ribeiro (1998c). "Orfeu e Eurídice em Miguel Torga", *BEC*, 29: 107-112.
- Ferreira, José Ribeiro (1999). "Temas Clássicos Na Literatura Portuguesa Contemporânea" in Actas do I Congresso da APEC, Coimbra: Associação Portuguesa de estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, pp. 395-429.
- Freire, Paulo (2001). *A importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora & Autores associados.
- Freire, P.; Dias, Paula B. (2004). *Fluir Perene. A cultura clássica em escritores contemporâneos*. ed. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Minerva Coimbra.
- Garrido, Ana; Duarte, Cristina; Rodrigues, Fátima; Afonso, Fernanda; Lemos, Lúcia (2007). *Antologia / Práticas – Livro do Professor, 10.º ano / Ensino Secundário*. Lisboa Editora, Lisboa.

- Garrido, Ana; Duarte, Cristina; Rodrigues, Fátima; Afonso, Fernanda; Lemos, Lúcia (2007). *Antologia Português 10.º Ensino Secundário*. Lisboa Editora, Lisboa.
- Hue, Sheila Moura (2011). “Sonetos”, in *Dicionário de Luís de Camões*. Editorial Caminho. Lisboa, pp. 904-907.
- Leal, Susana Mira (2006). “Os processos de reconfiguração da área do Português e a Revisão Curricular do Ensino Básico” in *Arquipélago*, 7. Ponta Delgada: Departamento de Ciências de Educação. Universidade dos Açores, pp. 9-38.
- Lepecki, Maria Lúcia (1999). “Capacidades e Competências de Leitura” in *I Jornadas Científico – Pedagógicas de Português*. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, pp. 247-256.
- Machado, Ana Maria (2008). “Diarística e Autobiografia, A Construção do Eu Em Páginas E Em *o Mundo à Minha Procura*, de Ruben. A.” in *Actas III Jornadas Científico – Pedagógicas de Português*. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, pp. 73-103.
- Marnoto, Rita (2007). *Sete Ensaios Camonianos*. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Coimbra.
- Marnoto, Rita (2011). “Retratos femininos na poesia de Camões”, in *Dicionário de Luís de Camões*. Editorial Caminho. Lisboa, pp. 851-866.
- Matos, Maria V. L. de (2011). *Camões: Sentido e Desconcerto*. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Coimbra.
- Mello, Cristina (1999). “Leitura e Memória Literária” in *I Jornadas Científico – Pedagógicas de Português*. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, pp. 220-228.



- Pereira, Maria Helena R.P. (2007). *Camoniana Varia*. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Coimbra.
- Pereira, Maria Helena R.P. (2012). *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa – Novos ensaios*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Coimbra.
- Pereira, Seabra & Ferro, Manuel (2012). *Actas da VI Reunião Internacional de Camonistas*. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Coimbra.
- Pinho, Sebastião T. (2007). *Decalógia Camoniana*. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Coimbra.
- Pinto, E., Fonseca, P., Baptista, V. (2010). *Plural 10: Português Cursos Científico-Humanísticos 10.º ano Ensino Secundário*. Lisboa: Lisboa Editora, S. A.
- Reis, Carlos (1992). *Técnicas de análise textual*. Livraria Almedina. Coimbra.
- Rodrigues, Marina Machado (2011). “Lírica de Camões”, in *Dicionário de Luís de Camões*. Editorial Caminho. Lisboa, pp. 469 a 476.
- Rodrigues, Marina Machado (2011b). “Petarquismo e Petarquismo em Camões”, in *Dicionário de Luís de Camões*. Editorial Caminho. Lisboa, pp. 670-679.
- Silva, Vítor Aguiar e (2011). *Dicionário de Luís de Camões*. Editorial Caminho. Lisboa.
- Tavares, Maria de Sousa (2007). “Leitura da poesia” in *Antologia / Práticas – Livro do Professor, 10.º ano / Ensino Secundário*. Lisboa Editora, Lisboa., pp. 144-148.

**Bibliografia consultada online:**

- Coelho, Maria da Conceição (coord.) (2001). *Programas de Português 10.º, 11.º e 12.º anos*. Ministério da Educação, disponível em

<http://www.dgicd.minedu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=2>. Acedido em 20 de janeiro de 2013.

Martins, Isaltina das Dores Figueiredo; Sardinha, Maria Leonor dos Reis; Silva, Maria Margarida Pereira Peres Brandão Gomes da (2001) **PROGRAMA de LATIM A - 10º ou 11º Anos - Curso Científico-Humanístico de Línguas e Literaturas**, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, disponível em [www.dgicd.min-edu.pt/data/ensinosecundario/.../latim\\_a\\_10.pdf](http://www.dgicd.min-edu.pt/data/ensinosecundario/.../latim_a_10.pdf). Acedido em 20 de janeiro de 2013.

Parecer da APP - Proposta de programa de Língua Portuguesa – Setembro de 2001, disponível em <http://www.app.pt/pareceres/pl5.html>. Acedido em 20 de abril de 2013.

Vieira, Maria do Carmo (2003). *Os perigos do Facilitismo*. Acedido em 20 de abril de 2013 em <http://ensino.paginas.sapo.pt/artigos/index.htm>

Guerreiro, António (2004). *Um longo e obscuro desastre*”. Acedido em 20 de abril de 2013 em <http://ciberduvidas.pt/textos/controversias/10654>

### **Manuais usados no estudo comparativo sobre o tratamento dado a Camões Lírico:**

Pinto, E.; Fonseca, P.; Baptista, V., (2010). *Plural 10: Português Cursos Científico-Humanísticos 10.º ano Ensino Secundário*. Lisboa: Lisboa Editora, S. A.

Brígida, T.; Duarte, C.; Rodrigues, F., (2010). *Português Dez Cursos Científico-Humanísticos 10.º ano Ensino Secundário*. Lisboa: Edições Asa II, S. A.

Cardoso, A.; Peixoto, M.; Oliveira, V. (2010). *Com textos Manual Ensino Secundário 10.º ano de escolaridade*. Lisboa: Lisboa Editora, S. A.

Veríssimo, A.; Viana, G.; Repolho, L.; Espadinha, M. (2010). *Novo Ser em Português-Português 10.º Ano Ensino Secundário*. Porto: Areal Editores, S. A.

Silva, P.; Cardoso, E.; Mendes, R.; Costa, S. (2010). *Expressões 10: Português 10.º Ano*. Porto: Porto Editora.

Magalhães, O.; Costa, F. (2010). *Entre Margens 10: Português 10.º Ano*. Porto: Porto Editora.

Martins, M.; Moura, G. (2010). *Página Seguinte: Português 10.º ano Cursos*. Lisboa: Texto Editores, Lda.

## **ANEXOS**